

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ORLANDO NUNES DE SOUZA NETO

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ENTRE JOVENS COM DEFICIÊNCIA
NO ESPORTE ADAPTADO

Niterói
2017

ORLANDO NUNES DE SOUZA NETO

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ENTRE JOVENS COM DEFICIÊNCIA
NO ESPORTE ADAPTADO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Antropologia, como requisito parcial para
conclusão do curso.

Orientador:
Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo

Niterói
2017

ORLANDO NUNES DE SOUZA NETO

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ENTRE JOVENS COM DEFICIÊNCIA
NO ESPORTE ADAPTADO

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Antropologia, como requisito parcial para
conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de 201__.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo (Orientador) - UFF

Prof^ª. Dr^ª. Simoni Lahud Guedes - UFF

Prof^ª. Dr^ª. Mônica da Silva Araujo - UFPI

Niterói
2017

À minha avó, Wanda Nelly Höfke de Souza (*in
memoriam*), por todo amor, carinho e conversas
que tivemos. Levo tudo comigo.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses quatro anos de graduação muitas pessoas me ajudaram de diferentes formas e merecem agradecimentos.

Minha família. Em especial para meu pai, Alex, minha mãe, Rose, meu irmão, Rodrigo, minha madrinha Ana Paola, meus primos Bruno, Fabiana, Kakau e Pablo. No mar revolto de incertezas, encontrei neles meu porto seguro.

Nina, companheira e uma das primeiras leitoras dessa monografia. O seu modo de enxergar o mundo é extremamente inspirador. As coisas que escrevo são cheias de você!

Amigos de graduação e pós-graduação. Um forte abraço pra Beatriz, Breno, Douglas, Gabriel, Raphael e Rodrigo. Os meus melhores dias na UFF contaram com a presença de cada um de vocês.

Ao grupo de orientação e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Esporte e Sociedade (NEPESS). Todas as manhãs e tardes de discussão de texto foram muito importantes para minha pesquisa. As leituras cuidadosas de cada um só me fazem ter certeza de que estou com as pessoas certas.

Universidade Federal Fluminense pelo seu ambiente completamente inspirador, seus professores e seu Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica que me proporcionou financiamento fundamental para a realização do trabalho de campo e minha primeira Reunião Brasileira de Antropologia (RBA).

A ANDEF e o pessoal do atletismo. Durante a pesquisa sempre fui tratado como alguém da família, de maneira muito educada e simpática.

Ao Comitê Paralímpico Brasileiro. Pelo atendimento prestativo e apoio logístico para que fosse possível acompanhar as duas edições das Paralimpíadas Escolares devidamente credenciado como pesquisador da UFF.

Luiz Fernando Rojo. A quantidade de coisas que aprendi nesses dois anos de pesquisa não pode ser descrita em palavras. Obrigado pela confiança e pelas leituras sempre muito atentas e importantes.

*“Fomos treinados a enxergar mais problemas do
que oportunidades...”*

(MC MARECHAL)

RESUMO

Essa monografia é fruto de um trabalho de campo realizado na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (ANDEF), maior instituição para pessoas com deficiência da América Latina, e nas Paralimpíadas Escolares, maior competição internacional do mundo a nível escolar para jovens com deficiência. Nela busco mostrar como ocorre a construção de identidade de jovens com deficiência que estão começando ou já começaram no esporte adaptado, além de discutir o papel dos treinos e das técnicas corporais nesse processo. Como a construção de identidade é um processo constante, sua dimensão é analisada em diferentes ambientes, como na Associação, casa, colégio e competição. Além disso, analiso e discuto a classificação funcional, processo fundamental no esporte paralímpico, desde seu surgimento até os dias de hoje.

Palavras-chave: Deficiência. Esporte paralímpico. Identidade. Juventude.

ABSTRACT

This monograph is the result of a field work carried out at the Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (ANDEF), the biggest institution for people with disabilities in Latin America, and in the Paralimpíadas Escolares, the largest international competition in the world at for young people with disabilities. I am trying to show how the identity construction of young people with disabilities that are starting or already started in the adapted sport, in addition to discussing the role of training and body techniques during the process. As the construction of identity is a constant process, its dimension is analyzed in different environments, such as in the Association, home, college and competition. In addition, I analyze and discuss functional classification, fundamental process in the Paralympic sport, from its inception to the present day.

Keywords: Disability. Paralympic Sport. Identity. Youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Sede da Associação | 33 |
| Figura 2 – Pista de atletismo | 34 |
| Figura 3 – Atleta se preparando para o salto em distância | 66 |
| Figura 4 – Cadeira de rodas para corrida | 70 |
| Figura 5 – Atleta sendo entrevistado por jornalista | 71 |
| Gráfico 1 – Bolsa Atleta (Categoria Estudantil) | 67 |
| Gráfico 2 – Número de jovens participantes por edição das Paralimpíadas Escolares | 74 |
| Gráfico 3 – Número de estados participantes por edição das Paralimpíadas Escolares | 74 |
| Gráfico 4 – Número de modalidades por edição das Paralimpíadas Escolares | 75 |
| Tabela 1 – Classificação funcional do atletismo | 51 |
| Tabela 2 – Classificação funcional da natação | 51 |
| Tabela 3 – Classificação dos atletas com amputação | 52 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------|---|
| ANDE | Associação Nacional de Desporto para Deficientes |
| ANDEF | Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos |
| CARA | <i>Council for Assisting Refugee Academics</i> |
| CBSSI | Centro Brasileiro de Segurança e Saúde Industrial |
| CEFAN | Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes |
| CPB | Comitê Paralímpico Brasileiro |
| CPISRA | <i>International Sports and Recreation Association</i> |
| EBC | Empresa Brasileira de Comunicação |
| F | <i>Field</i> |
| FAETEC | Fundação de Apoio à Escola Técnica |
| IBC | Instituto Benjamin Constant |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas |
| IBSA | <i>International Blind Sports Association</i> |
| ICC | <i>International Co-coordinating Committee Sports for the Disabled in the World</i> |
| ICSD | <i>International Committee of Sports for the Deaf</i> |
| IPC | <i>International Paralympic Committee</i> |
| ISOD | <i>International Sports Organization of the Disabled</i> |
| LOTERRJ | Loteria do Estado do Rio de Janeiro |
| ONG | Organização não governamental |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PELC | Programa Esporte e Lazer na Cidade |
| PRI | Programa de Reabilitação Integrada |
| S | <i>Swim</i> |
| T | <i>Track</i> |
| TELERRJ | Telecomunicações do Estado do Rio de Janeiro |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas |
| UFF | Universidade Federal Fluminense |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| I ENTRANDO EM CAMPO | 19 |
| 1.1 – PRIMEIROS CONTATOS | 19 |
| 1.2 – O TRABALHO DE CAMPO | 20 |
| 1.3 – METODOLOGIA | 22 |
| II ANDEF | 27 |
| 2.1 – A ASSOCIAÇÃO NITEROIENSE DOS DEFICIENTES FÍSICOS | 27 |
| 2.2 – SURGIMENTO E ESTABELECIMENTO | 28 |
| 2.3 – O CENTRO SOCIAL E ESPORTIVO DA ANDEF | 31 |
| 2.4 – OS TREINOS DE ATLETISMO | 33 |
| III CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL | 45 |
| 3.1 – ORIGENS DO ESPORTE ADAPTADO | 45 |
| EXCURSO: UM MÉDICO ALEMÃO NA TERRA DA RAINHA | 46 |
| 3.2 – O SURGIMENTO DA CLASSIFICAÇÃO MÉDICA | 47 |
| 3.3 – O COLAPSO DA CLASSIFICAÇÃO MÉDICA | 48 |
| 3.4 – CLASSIFICAÇÃO FUNCIONAL | 49 |
| 3.5 – CLASSIFICAÇÃO PARALELA | 53 |
| IV PARALIMPÍADAS ESCOLARES | 56 |
| 4.1 – O ESPORTE PARALÍMPICO NO INÍCIO DO SÉCULO XXI | 56 |
| 4.2 – A PARCERIA ENTRE O CPB E O MINISTÉRIO DO ESPORTE | 57 |
| 4.3 – OS ESCOLARES E O CLUBE ESCOLAR PARALÍMPICO | 59 |
| 4.4 – A INTERNACIONALIZAÇÃO DOS ESCOLARES | 60 |
| 4.5 – OS ESCOLARES ENQUANTO EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA | 60 |
| V CONSIDERAÇÕES FINAIS | 76 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 77 |

Introdução

O Sol já havia se posto e o clima na via costeira era fresco quando cheguei ao Centro de Convenções de Natal. Depois de caminhar por todo estacionamento e passar pela área de convivência, finalmente cheguei até o saguão. O que mais chamava atenção de qualquer pessoa que entrasse, não somente pela sua simplicidade, mas também por sua iluminação acolhedora, era a presença de dois painéis de concreto do artista plástico José Jordão Arimatéia. Esses painéis, que iam do chão até o teto, se encontravam em lados opostos do ambiente. No primeiro deles, do lado esquerdo, havia um pescador com um cesto cheio de caju e peixes em seus braços, enquanto no outro painel, do lado direito, havia a representação de uma rendeira sentada com um cajueiro atrás de si e um cesto com muitos caju ao seu lado. Essas eram apenas duas das mais de cinco obras do artista plástico espalhadas pelos quase treze mil metros quadrados de área construída do Centro de Convenções. Depois de passar pelo saguão, desci uma pequena escada e entrei no corredor que levava ao auditório central. A cada novo passo era possível distinguir mais nitidamente um som que aumentava gradativamente de volume. Em certo momento as paredes em torno de mim pareciam vibrar. Quando finalmente abri a porta uma mistura de sons imediatamente invadiu o corredor, sendo possível distinguir uma enorme quantidade de jovens e adultos pulando, gritando e cantando. A música ambiente, que alternava entre *hits* nacionais e internacionais, se misturava com os inúmeros gritos de guerra e provocações de cada uma das vinte e seis delegações presentes, algumas que estavam ali pela primeira vez e outras que já haviam perdido a conta das vezes que participaram de um evento como esse. O clima era de festa.

Foi exatamente dessa forma que o Auditório Fernando Paiva, com sua ampla iluminação, paredes de madeira e cadeiras vermelhas, se mostrou pequeno. Alguns jovens cadeirantes decidiram ficar na parte superior do auditório devido ao acentuado declive até o palco, mas outros faziam fila para descê-lo e angustiavam os fotógrafos desavisados e outras pessoas desacostumadas com tais peripécias.

A delegação carioca, em sua maior parte, ficou do lado superior direito do auditório, logo atrás da delegação paulista. Entre os muitos gritos, era possível distinguir quase em uníssono: “*Acabou o caô, o Rio já chegou*”, “*Olê, olê, olá, sou carioca e o sentimento não pode parar*” e “*Poeira, poeira, poeira, o Rio levantou poeira*”. A delegação catarinense em

peso gritava, em tom de provocação e recordação pela vitória na edição do ano anterior: “*O campeão voltou*”. A delegação mineira, localizada no lado inferior direito, gritava apenas “*Minas, Minas, Minas*” o mais alto que conseguia, enquanto as delegações paraense e mato grossense cantavam e batiam palmas. A delegação de Goiás era chamada por outras mais próximas de “*Bala Juquinha*” – devido ao seu uniforme todo amarelo. Os britânicos, com aproximadamente vinte integrantes, entre jovens, *staffs*¹ e treinadores, estavam no lado superior esquerdo do auditório, balançando bandeirinhas com a bandeira do Brasil na frente e do Reino Unido no verso. Alguns ainda tentavam acompanhar o ritmo da música ambiente. Dois fotógrafos do Comitê Paralímpico Brasileiro circulavam por todo auditório a procura de possíveis retratos para a moldura que imitava o *layout* da rede social *Instagram*².

Em certo momento o sistema de som foi completamente desligado e as luzes diminuíram de intensidade. Foram necessários poucos minutos para que todos ficassem em silêncio e fosse aceso no meio do palco o único foco de luz do ambiente, para além das ininterruptas luzes de *flashes* de câmeras e celulares que iluminavam o auditório a cada novo clique. Começava dessa forma a apresentação do cordelista e poeta Jadson Lima, que dentre outras coisas exaltou as belezas da capital potiguar e a garra dos jovens atletas presentes. Logo em seguida foi a vez do Grupo Parafolclórico da Universidade Federal do Rio Grande do Norte misturar dança e capoeira com muitos saltos mortais e golpes que contagiaram toda a plateia. O convite para que os jovens que se encontravam em frente ao palco também participassem do espetáculo levou todos os presentes ao delírio, resultando em muitas palmas, mais *flashes* e gritos para a apresentação dos alunos da UFRN.

Na primeira fileira de cadeiras do auditório, para além dos jovens citados anteriormente, também estavam presentes os convidados de honra do evento, entre eles o presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro, Andrew Parsons, seu vice, Ivaldo Brandão, o governador do Rio Grande do Norte e seus secretários. Chegada a hora dos discursos, Robson Farias, governador potiguar, levantou e subiu até o palco. Em sua fala destacou que era uma honra para o estado e sua história receber a competição. Em seguida o presidente Andrew Parsons defendeu que a competição era o evento mais importante do calendário do Comitê, considerando que todos os olhos estavam voltados para o talento, esforço e dedicação de cada

¹ Conjunto de pessoas que coordena uma atividade específica.

² Rede social criada em 2010 com o foco em compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

um dos jovens ali presentes. Ao fim, ressaltou que o papel do Comitê era criar pontes que levassem todos os jovens aos seus sonhos. Ao som de muitos aplausos o presidente se despediu e foi dado início a cerimônia de apresentação das bandeiras de cada estado participante, incluindo o Distrito Federal e o Reino Unido.

A abertura da cerimônia foi realizada por vinte e seis jovens que foram escolhidos para representarem suas delegações. A forma como essa escolha foi realizada variou de delegação para delegação e o rosto de cada um desses jovens, tão diferentes entre si, demonstrava um misto de emoções que ia desde a alegria mais contagiante até o choro mais inconsolável. A cada novo chamado pelo sistema de som o auditório vibrava. Todos os jovens desceram o acentuado declive do auditório com as cabeças erguidas e as respectivas bandeiras de seu estado encostadas aos braços e ombros. Um por um foram se enfileirando em cima do palco.

Depois da entrada dos representantes de cada delegação foi a vez da última etapa da cerimônia. Um jovem potiguar com baixa visão, acompanhado de uma integrante de sua delegação que estava como sua guia, subiu ao palco para pegar a tocha e acender simbolicamente a pira paralímpica escolar. Logo em seguida o juramento do atleta foi lido por uma jovem paulista com nanismo que segurava, visivelmente emocionada, os papéis com suas duas mãos, tendo ao seu lado a ajuda de uma integrante do Comitê para lhe segurar o microfone. Começava assim, oficialmente, as Paralimpíadas Escolares 2015!

...

O evento que acabei de descrever nas linhas anteriores é considerado como uma das competições mais importantes do calendário do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), tendo sua primeira edição sido realizada em 2006 e ocorrendo anualmente desde então. Os objetivos das Paralimpíadas Escolares muitas vezes se confundem, mas podem ser resumidos, segundo o regulamento da competição, em três pontos: mobilização de jovens com deficiência física, intelectual e visual em torno do esporte, revelação de novos talentos e a renovação do quadro de atletas paralímpicos do país. Durante seus dez anos de existência a competição já foi sediada em três regiões brasileiras³ e reuniu mais de seis mil jovens de 27 estados brasileiros, para além do Reino Unido que passou a participar de um número

³ São elas: Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste.

reduzido de modalidades na edição de 2013. Esses números garantem que as Paralimpíadas Escolares possuam o título de maior competição escolar do mundo para pessoas com deficiência, tendo inclusive revelado diversos atletas paralímpicos, tais como os campeões mundiais e medalhistas Alan Fonteles, Leomon Moreno, Lorena Spoladore, Talisson Glock e Verônica Hipólito⁴.

Meu contato com as Paralimpíadas Escolares aconteceu a partir do trabalho de campo que comecei a desenvolver em abril de 2014 na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (ANDEF), considerada a maior instituição voltada para pessoas com deficiência da América Latina e uma das maiores de todo o mundo. O objetivo principal de minha pesquisa era analisar como a prática esportiva alterava a identidade de jovens com deficiência, considerando que em diversas situações cotidianas eles eram tratados como indivíduos estigmatizados e sem agência. O esporte nesse contexto proporcionava uma identidade diferente, pautada no desempenho físico e nas relações estabelecidas entre esses jovens e os outros membros da Associação. Dessa forma minha participação nas Paralimpíadas Escolares acabou sendo uma demanda do campo, levando em consideração que os jovens da Associação treinavam durante todo o ano para poder participar especificamente dessa competição⁵. No final de meu primeiro ano de trabalho de campo alguns jovens da ANDEF foram selecionados para participar da oitava edição dos Escolares e tive a oportunidade de viajar para São Paulo, onde estendi minha questão da (re)construção da identidade desses jovens para além do ambiente da própria Associação.

Sendo assim, nessa monografia busco analisar a construção de identidade entre jovens com deficiência no esporte adaptado. Para isso, realizei trabalho de campo durante um período de dois anos na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos e acompanhei algumas competições, dentre elas as Paralimpíadas Escolares 2014 e 2015. Cada um dos quatro capítulos possui um nome que tenta demonstrar previamente e genericamente qual será o assunto tratado, seguindo a ordem: Entrando em campo; ANDEF; Classificação funcional e Paralimpíadas Escolares.

No primeiro capítulo, nitidamente mais introdutório, procuro abordar as bases metodológicas do meu trabalho de campo, realizado, como falei anteriormente, em um

⁴ Praticam, respectivamente, atletismo, *goalball*, atletismo, natação e atletismo.

⁵ Assim como os atletas adultos treinam o ano todo para disputar competições a nível regional, nacional e internacional.

período que se estendeu por dois anos. Começo o texto descrevendo como entrei nesse projeto de pesquisa e como se deu minha inserção na ANDEF, além de explicar alguns pontos centrais do trabalho. A descrição do campo nesse capítulo visa apenas familiarizar o leitor ao ambiente da Associação, considerada, como falei anteriormente, como a maior da América Latina e uma das maiores do mundo.

No segundo capítulo apresento a ANDEF, sua história, estrutura e as sessões de treinos, além dos membros da comissão técnica e atletas paralímpicos. Apresento também meus interlocutores, jovens entre catorze e dezessete anos que estavam começando ou já haviam começado no esporte adaptado. Nessa parte as contribuições de Marcel Mauss (2003) são fundamentais para pensar as corporalidades não apenas desses jovens, mas também dos atletas paralímpicos que treinam junto com eles na Associação. Desse modo as técnicas corporais e a criação de um *habitus* corporal que aparentemente precederia a ideia de um tipo ideal de atleta não podem ficar de fora da análise. Essa discussão não está isolada da questão da identidade desses jovens, onde me apoio em autores como Jean Pierre Simon (1979) e Erving Goffman (2004 para refletir sobre uma auto-identidade, pensada pelo próprio jovem, em contraposição a uma exo-identidade, pensada por amigos, conhecidos e familiares. Mostro como essa identidade é constantemente (re)construída pelos jovens nos mais diferentes espaços, como nas escolas ou até mesmo na própria Associação. Como será possível perceber, nesse capítulo os conceitos de auto-identidade e exo-identidade estão em uma constante oposição.

No terceiro capítulo analiso a classificação funcional, um processo fundamental para a realização do esporte paralímpico e que perpassa a vida de todos os atletas, desde o mais inexperiente até o mais experiente. Começo contando um pouco sobre a origem do esporte adaptado e suas primeiras classificações para familiarizar o leitor ao tema. Para fazer a análise que me proponho conto novamente com as contribuições teóricas do sociólogo Pierre Bourdieu (1996), mais especificamente nos seus conceitos de campo e capital. Essa discussão é importante por me dar possibilidade de explicar, com base em dados que construí em campo e em diálogo com a etnografia de Monica Araujo (2011) sobre nadadores paralímpicos, como é feita uma classificação funcional e como se determina uma classe funcional tanto no atletismo como na natação. Vou utilizar essas informações para comparar a classificação funcional a um processo que foi recorrente nas sessões de treinos da ANDEF. Esse processo

que denomino de “classificação paralela”, realizado na pista de atletismo da Associação, serviu muitas vezes para “determinar” a modalidade e a classe funcional ao qual um recém-chegado possivelmente seria enquadrado no esporte paralímpico. Em outras palavras, quero mostrar como os atletas, jovens e o técnico da Associação utilizam seus saberes e os articulam entre si.

No quarto e último capítulo finalmente apresento as Paralimpíadas Escolares, cuja descrição da abertura da edição 2015 foi apresentada na Introdução dessa monografia. A competição é muito aguardada por todos os jovens que treinam na ANDEF e seus parentes. Para além da troca de experiência com outros jovens com deficiência de praticamente todos os estados brasileiros e do Reino Unido durante um período de cinco dias, a conquista da Bolsa Atleta⁶, dada aos três melhores atletas de cada gênero e classe funcional, também serve como um incentivo a mais. Esse é apenas um dos diferentes significados que essa competição ganha tanto para os jovens como para outras pessoas de seu convívio, como amigos, parentes e professores. No começo do capítulo mostro o resultado de pesquisas no *site* do Ministério do Esporte e da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) para descrever o contexto de criação das Paralimpíadas Escolares em 2006, passando por seu desenvolvimento até chegar às duas edições as quais tive a oportunidade de acompanhar, a saber, 2014 e 2015. Chamo atenção para o fato das técnicas utilizadas para etnografar cada uma das competições não terem sido as mesmas, tendo em vista que em o período de um ano de diferença para cada uma das competições, cursei disciplinas na graduação, debati no grupo de orientação e tive conversas pessoais com meu orientador que me ajudaram a pensar o processo de construção de dados de diferentes formas. Dito isso, nesse capítulo apresento a discussão sobre identidade, iniciada no terceiro capítulo, em outro ambiente. Diferente das sessões de treino, durante as Paralimpíadas Escolares pude perceber como os conceitos de auto-identidade e exo-identidade começam a se juntar e aparentemente apontar para um ponto em comum.

⁶ Será apresentada e mais detalhada no capítulo 4.

Capítulo 1

Entrando em campo

Nesse capítulo busco mostrar como se desenvolveram meus primeiros contatos com a temática da pesquisa em questão, minha entrada em campo na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (ANDEF), as bases metodológicas e técnicas de pesquisa utilizadas durante os dois anos de realização de meu trabalho de campo.

1.1 – Primeiros contatos

Estava no começo de meu terceiro período na faculdade quando após uma aula de Teorias Antropológicas do Gênero, o professor Luiz Fernando Rojo, que já havia dado Introdução à Etnografia no primeiro período, me chamou e perguntou se eu teria interesse em participar de seu novo projeto de pesquisa. Já tinha conhecimento do seu projeto “Construções da corporalidade e noções de saúde entre atletas de esportes adaptados na Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos (ANDEF)”, por ter visto, no mês anterior, uma oferta de vaga para pesquisador-graduando no *Facebook*⁷, mais especificamente no grupo “Antropologia – UFF”. De forma resumida, a vaga em questão era para uma pesquisa que pretendia analisar a construção de corporalidade e as dimensões de gênero de crianças e jovens com deficiência que estavam começando ou já haviam começado a treinar na Associação. Ao final da conversa com Luiz, para minha própria surpresa, acabei aceitando a vaga. Digo para minha surpresa porque apesar de gostar de esportes (muito mais de assistir do que praticar, é verdade), nunca havia imaginado trabalhar dentro desse campo da Antropologia. Entretanto, uma série de fatores contribuiu para essa decisão, não só a maneira como Luiz apresentou a temática, mas também a possibilidade de conseguir realizar uma pesquisa com um professor que poderia acrescentar muito em minha formação acadêmica. Dessa forma, assim que cheguei em casa, poucas horas depois de nossa conversa, recebi um e-mail onde uma primeira bibliografia era apresentada para que eu pudesse me familiarizar com os temas da pesquisa.

⁷ Rede social criada em 2004, tendo alcançado a marca de um bilhão de usuários em 2012 e tornando-se a maior rede social do mundo.

As semanas seguintes foram de muita leitura, não só de trabalhos, mas também de uma monografia e uma dissertação, onde temas como esporte, juventude, corporalidade e deficiência eram não só analisados, mas também problematizados⁸. Durante esse meio tempo de leituras acabei conhecendo outra graduanda que também estava inserida no projeto. Com uma abordagem diferente da minha, na época Estephani realizava trabalho de campo com os treinadores da ANDEF, aproximando-se de uma espécie de Sociologia das Profissões. O fato de Estephani conhecer a Associação e já realizar seu trabalho de campo fez com que nossas conversas fossem essenciais para que eu pudesse começar a ter uma dimensão do que estava à minha espera. Vale lembrar que a ANDEF, como uma das maiores associações em sua área de atuação, reúne pessoas com diferentes tipos de deficiências em vários de seus cargos. Estava prestes a encontrar, pela primeira vez em minha vida, diversas pessoas com deficiência juntas e desempenhando inúmeras funções.

Apesar de nunca ter ido à ANDEF antes de entrar para a pesquisa, sabia de sua existência. Uma das bases de trabalho da Associação desde sua fundação é mostrar a potencialidade das pessoas com deficiência de diferentes formas, seja inserindo-as no mercado de trabalho ou levando apresentações de atividades esportivas para locais públicos, como praças e colégios⁹. Como minha mãe era professora em um colégio próximo à ANDEF, não foram poucas as vezes em que presenciei apresentações de basquete em cadeira de rodas promovidas pela Associação. Durante o período em que estive em campo a Associação trabalhava com um método chamado de inclusão inversa, onde a comunidade é levada para o convívio com pessoas com deficiência em sua sede no bairro do Rio do Ouro. Essa mudança tem como seu principal objetivo transformar a vida de pessoas com e sem deficiência, mostrando a possibilidade de um convívio não só com as diferenças, mas também com a diversidade.

1.2 – O trabalho de campo

⁸ São elas, respectivamente, “Projetos Individuais e projetos familiares: continuidade e ruptura na transmissão familiar da vela” (NOLTE, 2014) e “Corporalidade de chumbados: uma etnografia de pessoas com deficiências físicas no Rio de Janeiro” (FREMLIN, 2011).

⁹ Essa prática aparentemente surge nos Estados Unidos em 1946 com um movimento que tenta atrair o interesse das pessoas para o esporte em cadeira de rodas. A equipe “*The Flight Wheels*”, formada por veteranos da Segunda Guerra Mundial que moravam na Califórnia, começa a realizar excursões de basquete em cadeira de rodas por todo o país (ARAÚJO, 1997, p. 9).

O meu trabalho de campo teve seu início em abril de 2014 e se estendeu até abril de 2016. No decorrer desses dois anos, devido às matérias que precisava cursar na faculdade durante a realização do campo, acabei frequentando a ANDEF em períodos distintos. Com isso em mente, meu trabalho de campo pode ser dividido em dois momentos.

No primeiro ano de pesquisa frequentei a Associação todas as quartas e sextas-feiras com o objetivo de acompanhar os treinos de atletismo que eram realizados na parte da manhã. A escolha pelo atletismo seguiu o fato de meu orientador já realizar o trabalho de campo com essa modalidade. Como queria acompanhar algo além do atletismo, nesse mesmo período participei de alguns treinos de tênis de mesa, realizados no início da tarde. Dessa forma, chegava à ANDEF na parte da manhã e ia embora no início da noite. No final do ano viajei junto com meu orientador para acompanhar a realização das Paralimpíadas Escolares 2014, sediadas na cidade de São Paulo.

Os treinos do atletismo e do tênis de mesa se diferenciavam em praticamente todos os aspectos. Enquanto no primeiro era possível ver muito mais adultos do que jovens, no segundo encontrei poucos adultos. Outra diferença estava no fato do atletismo não debandar de muitos instrumentos além do próprio corpo e das pessoas que corriam na Associação não possuírem limitações consideradas muito graves. O treino poderia ser feito sozinho e eventualmente o era, principalmente se não fosse preciso pegar algum dos materiais que era guardado no depósito. Como só o técnico possuía uma cópia da chave, muitas vezes presenciei pessoas que começavam a treinar antes de sua chegada na pista de atletismo. Isso era inimaginável de acontecer nos treinos do tênis de mesa por motivos que acabam se complementando. O primeiro está ligado a natureza do esporte, que para ser praticado precisar ter certos instrumentos, como raquetes, bolas e mesa com uma rede específica. Como os treinos eram realizados na quadra poliesportiva, que apesar de ser coberta, não é totalmente fechada, a mesa precisava ser constantemente montada e desmontada. O segundo motivo estava ligado ao fato da maioria dos jovens e adultos que jogava tênis de mesa na ANDEF ser paraplégica e acabar necessitando de um acompanhante para levá-lo até lá, que geralmente era algum familiar. Durante minha presença nos treinos auxiliava o técnico e seu assistente, seja buscando as bolas que eram arremessadas por uma raquetada ou vento mais forte, além de jogar algumas partidas quando faltavam jogadores.

Em meu segundo ano de campo os treinos de tênis de mesa já não estavam mais sendo realizados na ANDEF¹⁰. Apesar de tentar acompanhar outras modalidades, a falta de jovens acabou fazendo com que me dedicasse exclusivamente ao atletismo. Ainda assim, lidei com a ausência de alguns jovens nos treinos, seja por conta do colégio, de alguma lesão, de não terem dinheiro para a passagem até a Associação ou desinteresse pelo esporte¹¹. Esse motivo fez com que eu diminuísse minhas idas a campo de duas para apenas uma vez na semana. Normalmente escolhia ir na quarta-feira por acreditar que seria o dia em que encontraria mais pessoas treinando, o que nem sempre acontecia. No final do ano tive a oportunidade de acompanhar, sem a presença de meu orientador, a realização das Paralimpíadas Escolares 2015, sediadas na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Além do campo na ANDEF e das duas participações nas Paralimpíadas Escolares, também pude acompanhar outros dois eventos que se mostraram muito importantes não só para a pesquisa, mas também para os jovens e atletas da Associação.

O primeiro deles, pouco tempo depois que entrei em campo, foi a Primeira Etapa Rio-Sul do Circuito Caixa Loterias de Atletismo e Natação 2014. Essa competição, que como o próprio nome diz possui apenas provas de atletismo e natação, foi realizada no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN)¹². Também conhecida como Regional, essa etapa sempre se mostrou muito aguardada por todos os atletas da ANDEF porque a competição garante vagas para as etapas do Circuito Nacional¹³. Ademais, as equipes que participam do Regional têm a oportunidade de avaliar o desempenho de seus atletas e realizar posteriormente os ajustes que julgarem necessários. Assim como ocorre nas Paralimpíadas Escolares, no Regional também é comum a descoberta de novos talentos paralímpicos.

O segundo evento, as seletivas do estado do Rio de Janeiro para as Paralimpíadas Escolares de 2015, ocorreu no Instituto Benjamin Constant (IBC)¹⁴. Através de provas de

¹⁰ Na dinâmica de funcionamento da ANDEF algumas modalidades podem deixar de existir e voltar depois de um determinado período de tempo.

¹¹ Esses casos serão discutidos de forma mais detalhada no próximo capítulo.

¹² O CEFAN é um quartel da Marinha do Brasil que foi utilizado como instalação oficial de treinamento nos Jogos Rio 2016. Está localizado no bairro da Penha, Rio de Janeiro.

¹³ Oficialmente conhecido como Etapa Nacional do Circuito Caixa Loterias, são competições que reúnem os melhores colocados de cada Etapa Regional realizada ao longo de um ano.

¹⁴ O Benjamin Constant é uma tradicional instituição de ensino para pessoas com deficiência visual localizada no bairro da Urca, Rio de Janeiro.

atletismo e natação, jovens de todo o estado e de diferentes clubes foram selecionados para formar a equipe que representaria o Rio de Janeiro em sua oitava participação na competição.

1.3 – Metodologia

O fato do projeto de meu orientador já existir e estar em desenvolvimento quando comecei a pesquisa fez com que eu não precisasse negociar minha entrada em campo como é comum aos trabalhos etnográficos contemporâneos. A autorização prévia que meu orientador recebeu da Associação se estendeu a mim, garantindo que fosse possível participar do dia a dia da mesma sem muitos contratempos. Contudo, isso por si só não garantiu que o trabalho de campo se desenvolvesse sem o estranhamento que parece ser comum ao fazer etnográfico.

Como falei anteriormente, meu primeiro ano de campo foi marcado pela presença de meu orientador tanto nos treinos da ANDEF como na realização das Paralimpíadas Escolares 2014. Essa presença foi fundamental para que pudesse me atentar para os pequenos detalhes que o trabalho de campo possui e entender que não existe um manual prático.

O antropólogo inglês Edward Evans-Pritchard, no apêndice de *Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande* (2005), chama atenção para o fato de ter sido muito confrontado com perguntas sobre a realização do seu trabalho de campo ao longo dos anos. Ao lembrar esses episódios ele diz que quando era apenas um estudante pediu conselhos a grandes nomes da Antropologia da época:

Paul Radin, aquele simpático e inteligente antropólogo austro-americano, disse uma vez que ninguém sabe muito bem como faz o próprio trabalho de campo. Talvez devêssemos ficar por aí. Mas quando eu era jovem e sério estudante em Londres, achei que seria bom obter algumas indicações de pesquisadores experimentados antes de partir para a África Central. Recorri primeiro a Westermarck. Tudo que consegui dele foi: “Não converse com um informante por mais de 20 minutos, pois se a essa altura você não estiver entediado, ele certamente estará.” Excelente recomendação, embora um tanto inadequada. Procurei em seguida aconselhar-me com Haddon, que se distinguira na pesquisa de campo. Ele me disse que tudo era muito simples: bastava portar-se como um cavalheiro. Outro bom conselho. Seligman, meu professor, mandou-me tomar dez grãos de quinino toda noite e ficar longe das mulheres. Sir Flinders Petrie, o famoso egiptólogo, disse-me apenas para não me preocupar em ter de beber água suja, pois logo se fica imunizado contra ela. Por fim falei com Malinowski, e ele me disse para não ser um maldito idiota, e então tudo iria bem. Como vêem, não há uma

resposta única – muito depende do pesquisador, da sociedade que ele estuda e das condições em que tem de fazê-lo. (EVANS-PRITCHARD, 2005:243)

Essa situação que ocorreu no início da carreira de Evans-Pritchard aparentemente continua atual, sendo compartilhada por muitos jovens pesquisadores em seus trabalhos de campo. Como dar conta das inúmeras situações geradas pelo confronto etnográfico? Depois que lemos diferentes etnografias e entramos em campo, estabelecendo relações com nossos interlocutores e criando dados, percebemos que é impossível existir uma fórmula que garanta o sucesso do trabalho de campo. O que deu certo para um pesquisador que trabalhou com a bruxaria entre uma tribo do Sudão, como é o caso do próprio Evans-Pritchard, necessariamente vai dar certo para outro, como William Foote Whyte (2005), que estudou uma área degradada em um bairro habitado por imigrantes italianos? A questão não pode ser definida a um detalhe meramente espacial ou temporal, mas está ligada a uma série de outros fatores, tais como as subjetividades em jogo, sejam elas do próprio pesquisador ou de seus interlocutores.

Ao longo desses dois anos de trabalho de campo utilizei como norteador de minha técnica de pesquisa o que o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (2002) chamou de observação de perto e de dentro. Essa perspectiva propõe um método etnográfico que pretende ir além da fragmentação que aparentemente caracteriza a dinâmica nas chamadas grandes cidades, procurando identificar os padrões que regem o comportamento dos atores sociais. Portanto, em meu trabalho de campo busquei justamente apreender os padrões de comportamento dos diversos indivíduos que fazem parte não só do ambiente da Associação, mas que também participam de diferentes maneiras das Paralimpíadas Escolares.

A pesquisa de campo na ANDEF se mostrou complexa, tendo em vista que os atletas e jovens estavam na maior parte do seu tempo treinando, o que dificultava qualquer tentativa de desenvolver uma conversa mais prolongada. Em contrapartida o campo nas Paralimpíadas Escolares foi o local onde consegui conviver e conversar de forma mais prolongada com os jovens, acompanhando-os tanto antes, durante e depois das competições.

A leitura de artigos, livros e revistas da própria Associação e do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) foi muito importante para que fosse possível construir dados sobre a história do esporte paralímpico no país, além do ambiente de criação e consolidação das Paralimpíadas Escolares como a maior competição escolar para pessoas com deficiência do

mundo. A *Revista Vitória*, publicação trimestral da ANDEF, começou a ser produzida em 2005 e discute diversos assuntos referentes às pessoas com deficiência. Toda capa conta com a participação de uma personalidade que faz a diferença na vida das pessoas com e sem deficiência. Já a *Revista Brasil Paraolímpico* foi uma publicação bimestral do Comitê que parou de circular em 2013. Como o foco dessa revista não era somente nas principais etapas regionais e nacionais do circuito paralímpico nacional, ela foi uma ótima fonte com entrevistas de diversos atletas e notícias sobre os principais projetos desenvolvidos pelo próprio Comitê.

Para além da utilização da observação de perto e de dentro, das leituras referidas anteriormente, também utilizei ferramentas digitais para a construção de dados. Como o calendário de competições do Comitê é extenso, tendo várias etapas regionais e nacionais ao longo do ano, é financeiramente impossível acompanhar todas essas etapas. O uso de plataformas digitais, como *Facebook* e *WhatsApp*¹⁵, se mostrou fundamental para que eu conseguisse acompanhar essas competições onde participam não somente os atletas e jovens que treinam na ANDEF, mas também os jovens de outros estados que conheci durante a realização das Paralimpíadas Escolares. Ressalto que apesar de a ANDEF possuir um grupo no *WhatsApp* onde praticamente todos os atletas, funcionários, jovens e treinadores podem se comunicar entre si, não tive acesso ao mesmo até o final da pesquisa. Dessa maneira, minhas conversas sempre se restringiram a conversas individuais com os jovens atletas.

Com a presença de meu orientador em minhas primeiras idas a campo, os membros da Associação aparentemente me aceitaram com maior naturalidade, tendo em vista que fui apresentado a todos como mais um membro do projeto desenvolvido por um professor da UFF, que então já contava com a participação de outra estudante. Na medida em que eu fui conhecendo mais pessoas na ANDEF e começava a me descolar da figura de meu orientador, as tentativas de me enquadrar em certo tipo ideal de pessoa que frequentava a Associação foram crescendo. Minha presença naquele local exigia uma “classificação” e nesse sentido os jovens eram ainda mais insistentes. Não foram poucas as vezes em que fui questionado sobre uma possível deficiência, um irmão que treinava na ANDEF ou até mesmo um possível estágio de educação física, levando em consideração que o técnico de atletismo também dá aulas em uma faculdade particular. Minha presença ali era constantemente (re)explicada

¹⁵ Aplicativo de mensagens instantâneas criado em 2009, tendo sido comprado pelo *Facebook* em 2014.

tanto pelo o que eu falava: “Sou estudante de Antropologia da UFF e estou desenvolvendo uma pesquisa”, como pelo o que eu fazia: encher uma garrafa d’água, ajudar a colocar uma prótese ou guardar o colchão de salto em altura no final de um treino¹⁶. Esse tipo de situação, ao mesmo tempo em que me situava numa classificação nativa, também me proporcionava preciosos minutos de conversa durante as sessões de treinos.

Na maioria das vezes em que ia à Associação tentava chegar cedo para encontrar a pista de atletismo ainda vazia. Isso me proporcionava não só a oportunidade de ter com quem conversar de uma forma mais prolongada à medida que as pessoas fossem surgindo, mas também observar a dinâmica de chegada de cada um até a pista. No caso do tênis de mesa, como as sessões de treino só começavam a partir das duas horas da tarde e eu já me encontrava na ANDEF, era fácil estar por perto não só para montar as duas mesas junto com o treinador e seu ajudante, mas também para participar efetivamente de algumas partidas.

Ao longo da pesquisa optei em usar pseudônimos para me referir aos interlocutores, apesar de muitos expressarem de forma entusiasmada o desejo de verem seus nomes destacados. Tenho consciência de que o uso de pseudônimos por si só não garante o anonimato, mas é uma tentativa de evitar constrangimentos e preservar algumas situações. A antropóloga Claudia Fonseca nos chama atenção para a dificuldade que as pessoas possuem de prever o teor da análise antropológica. Para ela, tanto os grupos populares como as camadas médias “raramente imaginam que o estilo de suas roupas, sua entonação de voz e atitudes corporais, suas brincadeiras informais ou brigas institucionais podem ser considerados dados relevantes para a análise antropológica” (FONSECA, 2008, p. 45). No entanto, quando estiver falando de uma pessoa pública escolhi deixar o nome verdadeiro e uma nota de rodapé com uma pequena biografia. Tomo essa atitude por lembrar, ainda no início da graduação, de um professor que ao discutir a questão do anonimato nas pesquisas citou o caso de um pesquisador que resolveu utilizar um pseudônimo para falar da primeira governadora negra do Brasil, algo amplamente divulgado na época e que pode ser facilmente encontrado com uma simples busca na internet¹⁷.

¹⁶ Alguns atletas precisam da ajuda de outras pessoas para conseguir pegar os equipamentos que ficam guardados no depósito da pista de atletismo. Isso é comum quando estamos falando de treinos que precisam de equipamentos especiais, tais como salto em altura ou arremesso de peso.

¹⁷ A pessoa em questão é Benedita da Silva, que vice do Governador Garotinho, assumiu o Governo do Rio de Janeiro quando o mesmo se afastou do cargo para concorrer à presidência da República nas eleições de 2002.

Nessa monografia o termo "paralímpico" é usado de maneira geral, enquanto o termo "paraolímpico" é usado em uma situação específica, quando estiver me referindo a nomes próprios, como é o caso da *Revista Brasil Paraolímpico*. Ressalto isso porque com o fim dos Jogos Parapan-Americanos de Guadalajara 2011, o *International Paralympic Committee* (IPC), entidade máxima do esporte de alto rendimento para pessoas com deficiência, determinou que todos os comitês nacionais padronizassem o uso do termo "paralímpico". Nessa data o Brasil, de todos os outros sete países que possuem o português como sua língua oficial¹⁸, era o único que ainda utilizava o termo "paraolímpico". Essa mudança acabou gerando alguns debates sobre qual seria a forma correta. Enquanto um grupo formado por pessoas envolvidas no esporte defendia a padronização do termo pelo alinhamento aos países de língua inglesa, outro, encabeçado em sua maioria por linguistas, questionava o fato da estrutura da língua portuguesa não admitir tal mudança. Apesar da imposição do IPC, um ano depois a presidente Dilma Rousseff vetou o uso do termo "paralímpico" para documentos oficiais do Governo, ficando o seu uso restrito para nomes próprios, como o do próprio Comitê Paralímpico Brasileiro. Com a realização dos Jogos Rio 2016 foi possível ver como essa tensão linguística ainda não foi superada por nenhum lado, tendo em vista que alguns meios de comunicação também aceitaram a mudança, mas outros continuaram utilizando o termo "paraolímpico".

¹⁸ São eles: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Capítulo 2

ANDEF

Nesse capítulo apresento a ANDEF, sua história e seu Centro Social e Esportivo, considerado o primeiro Centro de Treinamento Paralímpico da América Latina. Além disso, descrevo e analiso as sessões de treino junto com a apresentação dos interlocutores da pesquisa e dos dados construídos ao longo do meu trabalho de campo na Associação.

2.1 – A Associação Niteroiense dos Deficientes Físicos

A ANDEF é uma organização não governamental (ONG) considerada como a maior instituição de pessoas com deficiência do Brasil, com trinta e cinco anos de existência dedicados “a favorecer a cidadania das pessoas com deficiência física desenvolvendo metodologias, produtos e serviços destinados ao segmento em particular e a comunidade em geral” (Relatório de atividades 2014, Apresentação).

Em seu estatuto a Associação define como um de seus principais objetivos a defesa dos interesses das pessoas com deficiência, em especial a deficiência física, seja através de ações junto à comunidade ou ao poder público. A busca é por cada vez mais assistência, capacitação profissional e o aproveitamento da mão de obra da pessoa com deficiência, considerada como uma forma de alcançar uma integração social plena.

A ANDEF organiza sua metodologia de trabalho em dois eixos temáticos, que garantem a execução de atividades de atendimento, assessoria, defesa e garantia de direitos. O primeiro eixo, chamado de inclusão inversa, foi explicado no início do capítulo anterior¹⁹. Já o segundo eixo temático é o Programa de Reabilitação Integrada (PRI), que conta com alternativas consideradas inovadoras no processo de habilitação e reabilitação de pessoas com deficiência. Através de uma orientação holística, os planos de atendimento individual do PRI articulam quatro dimensões que se complementam e dependem uma da outra, são elas:

Funcional: ligado ao tipo de deficiência, independência para atividades da vida diária, características da lesão, possibilidades de ganhos de desempenho, adequação/fornecimento de órteses próteses, treinamento para sua correta utilização, etc.

¹⁹ Ver página 20.

Social: integração comunitária, renda, participação nas redes de promoção de direitos sociais básicos, acesso aos direitos e respectivos programas de proteção especial, histórico de escolarização/profissionalização/trabalho, etc.

Familiar: composição e dinâmica da família, capacidade de identificar e acionar políticas públicas e respectivos programas, percepção e relação com a deficiência, etc.

Emocional: auto cuidado, independência, percepção de perspectivas e horizontes, protagonismo, percepção de si mesmo e das relações no seu entorno, percepção da própria deficiência e seus resultantes na construção da subjetividade e relações sociais.

(grifos meus, Relatório de atividades 2014, Metodologia de trabalho)

Um mapeamento realizado pela Associação entre os anos de 2011 e 2014 proporciona uma série de dados interessantes sobre seus associados. Com a realização da média desses quatro levantamentos é possível definir quantos conheceram a ANDEF por causa de amigos (88%) ou outras organizações (12%); a razão que os levou a procurar a Associação seja por profissionalização e trabalho (60%), prática esportiva (25%) ou reabilitação (15%); o número de mulheres (55%) e homens (45%); o número de pessoas sem (54%) e com (46%) deficiência; as deficiências em questão, física (86%), intelectual (7%), visual (4%) ou auditiva (3%); a faixa etária, dividida entre adultos (67%), crianças, adolescentes e jovens (25%) e idosos (8%); além da cor, com pessoas que se declaram como não brancas (55%) ou brancas (45%).

2.2 – Surgimento e estabelecimento

Com a proclamação de 1981 como o Ano Internacional das Pessoas Deficientes a Organização das Nações Unidas (ONU) buscou ressaltar a importância para a igualdade de oportunidades, reabilitação e precaução de deficiências. Esse mesmo ano marcou a fundação da ANDEF por um grupo de amigos, sob a liderança da médica neurologista Tânia Rodrigues²⁰.

Dois anos depois de sua criação a ANDEF articulou com a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE) a realização dos VIII Jogos Nacionais em Cadeira de Rodas na cidade de Niterói, que contou com cerca de 500 atletas de doze estados diferentes.

²⁰ Tânia Rodrigues possui formação em Medicina pela Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo sido vereadora, deputada estadual e secretária da Secretaria Municipal de Acessibilidade de Niterói. Aos três anos de idade, quando estava aprendendo a andar, contraiu o vírus da poliomielite e acabou tendo os movimentos de suas pernas comprometidos.

Esse episódio marcou o começo de uma prática que se tornou tradição e motivo de orgulho para a Associação, a realização de diferentes eventos esportivos para pessoas com deficiência.

A ANDEF, assim como outros setores da sociedade civil, acompanhou e participou da abertura democrática que tomou conta do país em 1985. Durante o Processo Constituinte a Associação reafirmou sua posição de busca por direitos para as pessoas com deficiência. Através da coleta de assinaturas e da participação de marchas em Brasília a Constituição que entrou em vigor no ano de 1988 trouxe muitas garantias e conquistas para as pessoas com deficiência.

No ano de 1989 a ANDEF assinou o primeiro convênio para empregar pessoas com deficiência na extinta empresa de Telecomunicações do Estado do Rio de Janeiro (TELERJ) e começou a administrar o Posto Telefônico de Niterói com 16 funcionários. Ainda nesse período a ANDEF e outras entidades garantiram que a nova Constituição do Estado do Rio de Janeiro possuísse um capítulo dedicado aos direitos das pessoas com deficiência²¹. Com a abertura de novos postos telefônicos em 1991 a Associação contratou mais 50 pessoas. Esse ano também marcou o início do atendimento na área de reabilitação que começou a ser garantido quando a primeira sede da ANDEF foi alugada no bairro de Icaraí.

A Associação, em 1994, se tornou a maior distribuidora de fichas do estado com um total de 33% de todas as fichas comercializadas. Com a ampliação da base de convênios houve parceria com a distribuidora de energia da cidade do Rio de Janeiro e a contratação de 90 pessoas, que até o final do ano totalizou 208 pessoas empregadas. Nesse mesmo ano Anderson Lopes²², atleta da Associação, garantiu uma medalha de bronze no lançamento de disco do Mundial de Atletismo de Berlim, Alemanha.

Através do Projeto “Aprender Produzindo” a ANDEF inaugurou sua fábrica de cadeira de rodas e muletas em 1995, começou a formar e empregar ainda mais pessoas com deficiência, dessa vez no setor metalúrgico. Nesse mesmo ano a ANDEF criou o Comitê

²¹ É o Capítulo VII – Dos direitos das pessoas portadores de deficiências. Disponível em: <http://www.amperj.org.br/store/legislacao/constituicao/cerj.pdf>. Acessado em 19/11/16.

²² Anderson Lopes conheceu e logo começou a trabalhar na ANDEF com 18 anos. Junto com o trabalho na Associação, passou a se dedicar ao esporte paralímpico. Depois de passar por diversas modalidades acabou se estabelecendo no lançamento de disco, onde conquistou medalhas em Jogos Paralímpicos, Parapan-Americanos e Mundiais. Atualmente trabalha como gerente de convênios e contratos da ANDEF. No momento do nascimento teve paralisia cerebral decorrente da falta de oxigenação no cérebro.

Paralímpico Brasileiro (CPB), uma tendência mundial que teve seu início com o surgimento do *International Committee Paralympic* (IPC)²³. Além de recursos físicos, humanos e financeiros da Associação, o Comitê funcionou por dois anos na sede da mesma.

Com a chegada dos Jogos Paralímpicos de Atlanta 1996 todo o planejamento necessário para a participação da delegação brasileira foi feito na ANDEF, que conseguiu levar dois de seus atletas, Anderson Lopes e Douglas Amador²⁴. O ano ainda foi marcado pela compra de um terreno no bairro do Rio do Ouro com vistas a uma sede para a Associação.

Através de uma notoriedade cada vez mais consistente a ANDEF começou a conquistar presença em outros espaços. Primeiro foi convidada pelo escritor Manoel Carlos para prestar consultoria no desenvolvimento de um personagem que sofreu um acidente de carro e ficou paraplégico em uma novela da Rede Globo²⁵. Em seguida criou o Grupo de Dança sobre Rodas “Corpo em Movimento”, que contou com o bailarino Carlinhos de Jesus²⁶ como seu principal coreógrafo. E finalmente, iniciou o Projeto “Dançarte”, que promoveu aulas de *ballet*, *jazz*, *lambaeróbica*²⁷ e sapateado para as crianças da comunidade no Ginásio Caio Martins.

A participação brasileira nos Jogos Paralímpicos de Sydney 2000 contou com a presença de seis atletas da ANDEF. Nesse mesmo ano começaram as obras de construção do Centro Social e Esportivo da Associação, considerado o primeiro Centro de Treinamento Paralímpico da América Latina. Depois de dois anos de obras e um investimento de quase cinco milhões de reais a sede foi inaugurada.

²³ A transformação da *International Co-ordination Committee of World Sports Organizations for the Disabled* (ICC) em *International Committee Paralympic* (IPC) no ano de 1989 simboliza muito mais do que uma mudança de nome, simboliza "a mudança de uma filosofia, a busca de equiparação com o movimento Olímpico Internacional" (ARAÚJO, 1997, p. 13).

²⁴ Douglas Amador conheceu a ANDEF com 25 anos, começando logo em seguida a treinar atletismo e futebol de 7, praticado por paralisados cerebrais. Conquistou medalhas em duas edições dos Jogos Paralímpicos. Assim que terminou sua carreira como atleta virou gerente de convênios e contratos da ANDEF. Atualmente é o gestor de esportes da Associação. No momento de seu nascimento teve paralisia cerebral decorrente da falta de oxigenação no cérebro.

²⁵ A novela em questão é “História de amor”, transmitida no horário das 18 horas durante o período de três de julho de 1995 e dois de março de 1996. O personagem citado é Assunção, professor de educação física interpretado pelo ator Nuno Leal.

²⁶ Dançarino e coreógrafo brasileiro, considerado por muitos como expoente da dança de salão no país. Participa de diversos desfiles do Carnaval do Rio de Janeiro, seja no grupo especial ou de acesso.

²⁷ Uma prática que consiste na mistura de exercícios aeróbicos ao som de músicas do norte/nordeste. Muito popular durante os anos 90.

Com a ampliação de convênios, a Associação empregou quase 500 pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Através de uma parceria da ANDEF com a Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC)²⁸ em 2003, o Centro Técnico Profissionalizante Armando Valle Leão foi construído no bairro do Barreto. Com o foco em jovens com e sem deficiência, foram oferecidas oportunidades para a realização de diversos cursos. Os novos contratos assinados com a Associação resultaram em mais convênios, dessa vez com o Conselho Regional de Contabilidade, Instituto Vital Brazil, Procuradoria Geral da República e a Secretaria de Fazenda.

Como resultado de sua qualidade, a ANDEF recebeu a delegação cubana em sua sede para o período de aclimação e preparação final para os Jogos Parapan-Americanos Rio 2007, considerada a competição mais importante das Américas para as pessoas com deficiência. Ao mesmo tempo a Associação enviou oito atletas para a competição e conquistou um total de seis medalhas para a delegação brasileira.

O ano de 2009 foi marcado por muitas novidades. O Rio Solidário e a Loteria do Estado do Rio de Janeiro (LOTERRJ) começaram a patrocinar os atletas e as atividades comunitárias da Associação. O Ministério dos Esportes, na figura do então ministro Orlando Silva, escolheu a Associação para ser um dos pólos do Programa Esporte e Lazer na Cidade (PELC)²⁹. Pessoas cadeirantes da ANDEF começaram a participar da Operação Lei Seca³⁰. Inúmeras competições nacionais e internacionais foram sediadas na Associação. O grupo de dança sobre rodas “Corpo em Movimento” completou 10 anos de história com duas apresentações no Teatro Municipal de Niterói e pela primeira vez o Projeto de Reabilitação Integrada (PRI) ganhou reconhecimento público com uma menção honrosa no I Prêmio Pró-Reabilitação, realizado pelo Centro Brasileiro de Segurança e Saúde Industrial (CBSSI).

Os pesquisadores da ANDEF conquistaram o primeiro lugar no I Congresso Paraolímpico Brasileiro, organizado em 2010 pela Academia Paralímpica Brasileira, que

²⁸ A FAETEC é uma instituição pública fluminense de ensino médio, superior e técnico profissionalizante.

²⁹ O PELC foi criado em 2003 e faz parte da política de apoio ao esporte desenvolvida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Seu objetivo principal é fomentar a prática de atividades físicas, culturais e de lazer para todas as pessoas, independente de sua idade ou condição física. Dessa forma, o programa incentiva não só a convivência entre pessoas, mas trata o esporte e o lazer como um direito de todos.

³⁰ A Operação Lei Seca é uma política pública do Governo do Estado do Rio de Janeiro que alerta a população sobre os riscos da combinação entre direção e embriaguez através de *blitze*. É comum a presença de pessoas que ficaram paraplégicas devido a algum acidente automobilístico, como porta-vozes da campanha. Disponível em: <http://www.operacaoleisecarj.rj.gov.br/a-lei-seca/>. Acessado em 19/11/16.

contou com a presença de pesquisadores de Educação Física e áreas afins para debater o esporte paralímpico. Nesse mesmo ano Clodoaldo Silva foi contratado para treinar na Associação. Considerado um dos maiores atletas paralímpicos do país, Clodoaldo começou a praticar natação como parte de um processo de reabilitação de sua paralisia cerebral. Os seus primeiros campeonatos oficiais foram disputados em 1998, mas foi nos Jogos Paralímpicos Atenas 2004 que o atleta se consagrou ao conquistar seis medalhas de ouro e uma prata, ganhando o apelido de “tubarão paraolímpico”.

Acredito que esse pequeno recorte de quase trinta anos da história da ANDEF seja suficiente para dar a dimensão da importância que a mesma carrega não só na consolidação do esporte paralímpico no país, através da realização de eventos esportivos ou envio de atletas para a seleção brasileira, mas também na luta pela garantia de direitos para as pessoas com deficiência.

2.3 – O Centro Social e Esportivo

A ANDEF está localizada em um bairro que faz parte dos municípios de Niterói e São Gonçalo. O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)³¹, realizado em 2010, registrou a população do bairro do Rio do Ouro com quase 11 mil pessoas em uma área de pouco mais de oito quilômetros quadrados. Nessa região até meados do século XX predominavam grandes fazendas que serviam para atender o consumo local e vender o pequeno excedente para outros lugares. A produção consistia basicamente em frutas cítricas, legumes e hortaliças que contavam com a presença de engenhos movidos por tração animal ou pela força das águas. O declínio da atividade agrícola no estado do Rio de Janeiro fez com que as fazendas fossem divididas seguindo as exigências de compradores, grileiros³² e posseiros³³.

Hoje em dia o bairro convive com um crescimento imobiliário muito forte. É comum durante o trajeto até a Associação observar a construção de novos prédios e condomínios em contraste com casas antigas e terrenos abandonados. Quem presta atenção nas inúmeras placas espalhadas pelo bairro percebe a alta concentração de ONGs. Um bom exemplo, para

³¹ Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acessado em 25/11/16.

³² Pessoa que falsifica documentos para tomar posse de terras de forma ilegal.

³³ Pessoa que ocupa terra abandonada e passa a cultivá-la.

além da própria ANDEF, é a Associação Pestalozzi de Niterói, fundada em 1948, com área de 80.000 m² e cinco mil visitas diárias³⁴. Se voltarmos ao mapeamento da ANDEF anteriormente citado, podemos ver os municípios onde os associados residem, sendo eles: São Gonçalo (38%), Niterói (30%), Rio de Janeiro (13%), Maricá (5%), Itaboraí (4%) e outros (10%).

Independente de qual caminho você escolher para ir até a sede da ANDEF, será difícil ignorar os grandes espaços de mata atlântica fechada do bairro de Rio do Ouro. A Associação, com sua área construída de 26.000 m² e divisão em quatro platôs, está dentro de um desses espaços. No primeiro platô está localizada a quadra de bocha³⁵, salas de fisioterapia, terapia ocupacional, nutrição, hidroginástica, academia de dança, biblioteca, instalações de uma FAETEC, coordenação do esporte de performance e assistência social. O segundo platô conta com um campo de futebol de grama sintética de 33m x 53m circunscrito por uma pista de atletismo semiolímpica de 1.470m², uma caixa de areia para salto em distância, plataformas para lançamento de disco e arremesso de peso, além de dois vestiários, um depósito e uma arquibancada com lugar para 1500 pessoas. No terceiro temos uma quadra de basquete em piso de madeira flutuante com 1.300m² de área coberta, uma piscina semiolímpica aquecida para hidroterapia com 17m x 25m, um restaurante e uma cozinha industrial com capacidade para 800 refeições por dia. No quarto e último platô localiza-se a sede administrativa, auditório para palestras e um hotel com hospedagem para 64 pessoas.

³⁴ Disponível em: <http://www.pestalozzi.org.br/localizacao.html>. Acessado em 09/05/16.

³⁵ Na bocha os atletas ficam sentados em cadeiras de rodas e precisam lançar bolas coloridas o mais perto possível de uma bola branca. Os lançamentos podem ser feitos com as mãos, pés ou instrumentos. Quando o atleta possui um comprometimento muito grande conta com um ajudante, chamado de calheiro. É um dos esportes em que homens e mulheres podem competir juntos.



Figura 1: Sede da Associação (Créditos: ANDEF)

As modalidades praticadas na ANDEF são o atletismo, arremesso de peso, basquete em cadeira de rodas, bocha, futebol de 7³⁶, futebol para amputados, halterofilismo, lançamento de dardo, natação, tênis de mesa, tênis em cadeira de rodas, tiro com arco, salto em altura, salto em distância e vôlei sentado. Ao longo do campo muitas dessas modalidades deixaram de existir por um período, algumas voltaram depois de um tempo e outras não. Quando comecei a pesquisa acompanhei alguns treinos do tênis de mesa, mas o mesmo foi descontinuado poucos meses depois. Já no final de meu campo, soube por um interlocutor que o tênis de mesa voltou a ter treinos, mas o mesmo não aconteceu com o tiro com arco, o qual só soube da existência graças a meu orientador. Essa sazonalidade das modalidades acontece por muitos motivos, dentre eles está seu rendimento, falta de pessoas interessadas em treinar determinada modalidade ou mesmo o caixa da Associação.

2.4 – Os treinos de atletismo

Os treinos de atletismo na pista da ANDEF acontecem de manhã, sempre as segundas, quartas e sextas-feiras. Como falei anteriormente, além da pista de atletismo, há também um

³⁶ O futebol de 7 é praticado por atletas com paralisia cerebral e possui praticamente as mesmas regras do futebol convencional, tirando o fato de não existir impedimento e os arremessos laterais serem feitos com apenas uma das mãos. Cada time possui sete jogadores e cinco reservas.

campo de futebol de grama sintética e uma caixa de areia. Isso garante que os atletas de alto rendimento e os jovens possam treinar corrida, salto em distância, salto em altura, arremesso de peso, lançamento de dardo e disco.



Figura 2: Pista de atletismo (Créditos: ANDEF)

Antigamente os treinos eram divididos em dois turnos, enquanto os adultos treinavam na parte da manhã, os jovens treinavam de tarde. Quando entrei em campo essa divisão já não existia mais e todos treinavam de manhã. Segundo Douglas Amador, gestor de esportes, essa mudança é um diferencial que garante aos jovens a possibilidade de um maior aprendizado com os atletas que possuem a vivência e o *know-how* das competições.

De maneira geral meus interlocutores são jovens, entre catorze e dezessete anos, que começaram ou estão começando no esporte adaptado, conciliando-o com seus estudos e, em alguns casos, trabalho. Durante o campo no atletismo tive contato com um total de cinco meninos e três meninas, sendo as deficiências em questão de dois tipos: amputação de membro superior e paralisia cerebral, geralmente em decorrência da falta de oxigenação no momento do parto.

O ambiente da pista de atletismo é extremamente plural, para além da presença dos jovens e atletas, conta também com estagiários da universidade onde o técnico é professor e outras pessoas que realizam alguma atividade física. No caso desse último grupo, podemos

encontrar ocasionalmente alguém caminhando ou correndo de manhã bem cedo. Enquanto isso, atletas, jovens e estagiários começam a chegar na pista e normalmente ficam conversando por alguns minutos até entrarem no vestiário para trocarem de roupa. Nesse meio tempo alguns poucos resolvem aquecer e dar voltas na pista, mas na maioria das vezes o treino só começa quando Miguel, o técnico, chega trazendo um galão térmico com água gelada e a chave do depósito, onde ficam guardados os colchonetes, cones, pesos, etc.

A chegada de Miguel coincide com a indicação do treino de cada um. Logo em seguida algum atleta puxa o alongamento e o aquecimento, onde todos participam. Apesar dos limites corporais específicos há uma ênfase para que todos consigam executar os movimentos da maneira certa. Depois disso o treino começa, enquanto a maioria dos atletas se divide em duplas ou trios e correm pela pista, outros fazem seus treinos individualmente, seja no salto em distância, arremesso de peso, lançamento de disco... Como esses dois últimos casos são praticados no campo de grama sintética, não acontecem quando a seleção brasileira de futebol de 5 treina na ANDEF³⁷.

Marcel Mauss ao definir as técnicas corporais nos chama atenção para o fato do corpo ser “o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem” (MAUSS, 2013, p. 407). Além disso, ao propor uma classificação das técnicas do corpo, segue quatro princípios básicos, levando em consideração as diferenças de sexo, idade, forma de transmissão e rendimento. Para a análise em questão, me detenho ao último grupo:

As técnicas do corpo podem se classificar em função de seu rendimento, dos resultados de um adestramento. O adestramento, como a montagem de uma máquina, é a busca, a aquisição de um rendimento. Aqui, é um rendimento humano. Essas técnicas são portanto as normas humanas do adestramento humano. [...] Numa certa medida, portanto, eu poderia comparar as técnicas, elas mesmas e sua transmissão, a adestramentos, classificando-as por ordem de eficácia.

Aqui intervém a noção, muito importante em psicologia e em sociologia, de destreza. Mas, em francês, temos apenas um termo ruim, “*habile*”, que traduz mal a palavra latina “*habilis*”, bem melhor para designar as pessoas que têm o senso da adaptação de seus movimentos bem coordenados a objetivos, que têm hábitos, que “sabem como fazer”. É a noção inglesa de “*craft*”, de “*clever*” (destreza, presença de espírito e hábito), é a habilidade em alguma coisa. Mais uma vez, estamos claramente no domínio técnico. (Mauss, 2013:410-411).

³⁷ Como falei anteriormente a Associação possui muito orgulho de sediar competições nacionais e internacionais, além disso também se orgulha de ser a casa oficial de treinamento de algumas modalidades, como futebol de 5 e da seleção feminina de *goalball*.

Nesse sentido, o que nos chama atenção é pensar como o treino impõe a esses corpos e suas limitações o cumprimento de determinadas tarefas da forma mais eficaz possível. Ao longo do aquecimento ou na execução dos exercícios vemos como os atletas adultos possuem essas técnicas corporais mais incorporadas do que os jovens que começaram ou estão começando no esporte adaptado, tendo em vista que eles “sabem como fazer”.

A pista de atletismo é muito mais do que apenas um ambiente de treino, é também um ambiente marcado por forte afirmação e sociabilidade. Ao longo dos treinos, as diversas situações cotidianas são negociadas e tensionadas com humor, através de relações jocosas (RADCLIFFE-BROWN, 1973). Uma dessas situações pode ocorrer, por exemplo, quando uma pessoa esquece seu treino ou comete algum erro e logo alguém culpabiliza a deficiência dessa pessoa. Frases que em um primeiro momento poderiam ser consideradas extremamente preconceituosas se ditas por alguém sem deficiência, como “Tinha que ser PC³⁸”, “Sai da frente, aleijado³⁹”, “Vai, três pernas⁴⁰” e “Não liga não, ele é T20⁴¹”, são completamente ressignificadas. Em sua tese de doutorado sobre a sociabilidade em um clube de malha, Ingrid Fonseca nos mostra como as relações jocosas aparecem muitas vezes em momentos de tensão como uma forma bem humorada de tratar certos assuntos. Lembrando que elas só ocorrem entre os considerados iguais, servindo como uma espécie de controle social do que pode ser dito e por quem (FONSECA, 2015).

Enquanto os atletas e estagiários estão ali por vontade própria, a maioria dos jovens treina, em maior ou menor medida, por causa de uma pressão familiar. Será que é possível pensar a ANDEF, nesse caso, como um espaço limiar? Um espaço onde, de certo modo, se reforça um tipo de proteção e se aprende a conviver com as diferenças?

O sociólogo Erving Goffman utiliza o conceito de estigma para “significar as formas ritualizadas de evitação pública de certas pessoas” (GASTALDO, 2015, p. 245). Para Goffman, enquanto as pessoas consideradas “normais” possuem uma variedade de elementos que significam sua identidade, quem carrega um estigma tem sua identidade marcada pelo estigma, sendo dessa forma identificado simplesmente como estigmatizado. Uma das fases

³⁸ Pessoa com paralisia cerebral.

³⁹ Pessoa com alguma amputação.

⁴⁰ Pessoa com uma perna amputada e que utiliza muletas.

⁴¹ É a classificação funcional do atletismo para os atletas com alguma deficiência intelectual. No próximo capítulo será possível entender o funcionamento e as tensões existentes na classificação funcional.

do processo de socialização da pessoa estigmatizada consiste em aprender e incorporar o ponto de vista das pessoas consideradas normais, adquirindo “crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa possuir um estigma particular” (GOFFMAN, 2004, p. 30). Em outra fase a pessoa estigmatizada aprende que possui um estigma particular e as consequências de possuí-lo. A convergência dessas fases forma alguns modelos que estabelecem as bases para o desenvolvimento futuro dessas pessoas. O modelo que nos interessa é o que

deriva da capacidade de uma família e, em menor grau, da vizinhança local, em se constituir numa cápsula protetora para seu jovem membro. Dentro de qtal cápsula, uma criança estigmatizada desde o seu nascimento pode ser cuidadosamente protegida pelo controle de informação. Nesse círculo encantado, impede-se que entrem definições que o diminuam, enquanto se dá amplo acesso a outras concepções da sociedade mais ampla, concepções que levam a criança encapsulada a se considerar um ser humano inteiramente qualificado que possui uma identidade normal quanto a questões básicas como sexo e idade.

O momento crítico na vida do indivíduo protegido, aquele em que o círculo doméstico não pode mais protegê-lo, varia segundo a classe social, lugar de residência e tipo de estigma mas, em cada caso, a sua aparição dará origem a uma experiência moral. Assim, freqüentemente se assinala o ingresso na escola pública como a ocasião para a aprendizagem do estigma, experiência que às vezes se produz de maneira bastante precipitada no primeiro dia de aula, com insultos, caçoadas, ostracismo e brigas. É interessante notar que, quanto maiores as "desvantagens" da criança, mais provável é que ela seja enviada para uma escola de pessoas de sua espécie e que conheça mais rapidamente a opinião que o público em geral tem dela. (Goffman, 2004:31)

Levantei essa hipótese após ouvir o técnico comentar durante um dia de treino que a Associação era um ambiente de igualdade dos deficientes, dessa forma, se a pessoa não conseguisse se estruturar “ali dentro”, sofreria muito “lá fora”. Como a ANDEF possui pessoas com e sem deficiência convivendo diariamente, teoricamente em seu ambiente a deficiência é encarada apenas como mais um elemento constitutivo da identidade de alguns indivíduos.

Para Jean-Pierre Simon a identidade é fruto de “uma negociação entre uma ‘auto-identidade’, que é definida por si mesmo e uma [...] ‘exo-identidade’, definida pelos outros” (SIMON, 1979, p. 24). Quando pensamos dessa forma, a identidade social perde qualquer aspecto fixo, adquirindo um caráter contextual e uma profunda relação com as dinâmicas de poder em cada situação inter-relacional. Sob esse aspecto o conceito de estigma

(GOFFMAN, 2004) precisa ser analisado dentro das relações de poder em questão, não há como existir uma identidade negativa em si mesma.

Podemos perceber essa contextualidade da identidade de forma muito clara tanto dentro como fora dos treinos de atletismo. Há uma diferença de tratamento entre os jovens que aparentemente possuem o potencial para se transformarem em atletas e os que não possuem. Enquanto os primeiros sofrem com uma cobrança muito grande por parte dos atletas e técnico, os segundos a sofrem de maneira muito reduzida. O caso de Maria, jovem com paralisia cerebral, por exemplo, ilustra bem essa diferença. Ela conseguiu uma melhora física muito grande no esporte a ponto de largar a fisioterapia. Quando conversei com sua mãe e perguntei por que ela estava no atletismo, ela me respondeu:

Na verdade é uma briga. Ela queria fazer natação, não gosta de ficar correndo, mas os movimentos dela melhoraram muito... Posso falar tranquilamente que os movimentos dela melhoraram 80% com o atletismo. Já falei com ela que não tem conversa, ela vai ter que fazer atletismo até os 18 anos. Depois disso ela pode escolher outra atividade física!

O treinador nesse caso, ao contrário da mãe, não cobrava muito de Maria e passava apenas algumas voltas na pista. Como seu treino tinha um caráter recreativo e terapêutico, a cobrança dos atletas e do técnico praticamente não existia. Atitude completamente diferente de quando falamos de jovens que são vistos como possíveis atletas. E a cobrança é ainda maior quando o jovem consegue uma bolsa para auxiliar seus treinos, uma assistência de aproximadamente 300 reais. Essa situação pode ser vista com Valentina, outra jovem com paralisia cerebral, que disse durante uma conversa que aprendeu a gostar do atletismo, mas treina por insistência de sua mãe. Durante o trabalho de campo foi comum ver a cobrança de Miguel em cima desses jovens, como registrei em meu diário de campo:

Mais um dia de muito calor na ANDEF. Estava em pé perto da arquibancada observando o treino de Breno e Paulo [atletas], que estavam correndo na pista. Miguel chamou e passou duas para Valentina. Ela começou a primeira volta bem, mas caiu de rendimento durante a segunda. Quando estava a poucos metros de cruzar a linha de chegada, diminuiu a velocidade e começou a caminhar. Miguel gritou na mesma hora: “Assim seu adversário vai ultrapassar você e vai perder a prova! Você precisa sentir raiva, pensar que as outras meninas querem sua bolsa... Quando você correr, tem que olhar para frente e não para baixo! Agora que conseguiu uma bolsa não pode dar mole não. Tem que treinar sério para não perder a chance de comprar alguma coisa para você e ajudar em casa!”. Depois disso ele chegou do meu lado e falou: “Falta garra pra ela!”.

Essa fala de Miguel, além de fazer referência à construção de uma corporalidade específica, remete também a características consideradas ideais em um atleta, como “determinação”, “garra” e “seriedade”. Isso é reforçado em outra fala, dessa vez com Gustavo, jovem com uma mão amputada:

Estava na pista observando Gustavo dar seu último tiro⁴². Assim que ele terminou fomos andando para a sombra e ele pegou uma garrafa d’água. Miguel se aproximou da gente e começou a falar: “É isso aí Gustavo, você tem que focar no esporte, tá entendendo? Não dá pra ficar jogando futebol na rua, você vai acabar se quebrando e não vai render nada. Agora que você tá ganhando uma bolsa, tem que vir sempre... Quanto que teu pai tem que ralar pra ganhar esse dinheiro que você ganha? É só vir e treinar!”

Novamente as características consideradas ideais de um atleta são acionadas, mas agora além da responsabilidade, temos também a prática do esporte para além do exercício físico. A atividade física nesse contexto perde seu caráter recreativo e se transforma em compromisso, reforçado pela obtenção da bolsa.

Quando um jovem visto por todos com capacidade suficiente de ser um atleta começa a se ausentar ou utiliza de subterfúgios para não realizar seu treino, podemos vê-lo no extremo oposto do que seria considerado um atleta ideal. É o caso de Guilherme, outro jovem com uma mão amputada, que frequenta a Associação desde seus seis anos. Quando ele tinha 12, deu o seguinte depoimento para o Relatório de atividades da ANDEF de 2011:

Eu era gordinho e até emagreci. Aprendi a fazer novas atividades e depois de seis anos aqui, já participo de competições de atletismo e natação. Quero me tornar um atleta paralímpico e para isso conto com meus professores. Sei que sem eles, eu não conseguiria.

Apesar dessa fala e da insistência de sua mãe para que continuasse treinando, quatro anos depois Guilherme acabou tendo outros planos e quando teve oportunidade de largar os treinos, seja por uma proposta de emprego no Jovem Aprendiz⁴³ ou tentativa de entrar em um programa de Ensino Médio dedicado a capacitação profissional, não pensou duas vezes. Continuava aparecendo na Associação pelo menos uma vez por mês, até passar um longo

⁴² É um tipo de treino onde o atleta corre uma distância curta ou longa em ritmo forte. Com o aumento do fluxo de oxigênio pelos músculos há a possibilidade de se exercitar mais durante um tempo maior.

⁴³ Jovem Aprendiz é um programa do Governo Federal regulamentado pela lei 10.097/2000 e ampliada pelo Decreto Federal de número 5.598/2005. Determina que todas as empresas de médio e grande porte contratem um determinado número de jovens aprendizes que pode variar de 5% a 15% do quadro de empregados.

período longe da mesma. Depois um longo período sem treinar, Guilherme voltou para a ANDEF, buscando no esporte um meio para realizar seus anseios:

Cheguei cedo na pista de atletismo e encontrei Tiago e Marcelo [atletas] conversando. Aos poucos mais gente foi chegando, inclusive Guilherme que não aparecia na ANDEF há muito tempo. Assim que ele me cumprimentou resolvi perguntar o motivo que o levou a deixar de vir treinar. Ele me respondeu: “Não tava ganhando nada aqui [na ANDEF]. Comecei a fazer muitos cursos e não tenho mais tempo de treinar. Só voltei porque aqui é mais fácil para conseguir [uma vaga no] Jovem Aprendiz e ainda posso juntar com a bolsa do Escolar [Paralimpíadas Escolares].

Apesar dessa fala, a aparente falta de vontade de Guilherme acabou causando algumas tensões no ambiente de treino. Muitas eram resolvidas através das relações jocosas, como quando era chamado de “preguiça” por alguns atletas, mas outras acabaram criando um clima desconfortável no treino, como pode ser visto a seguir:

Pablo estava comandando o aquecimento e assim que o mesmo acabou todos começaram a fazer seus treinos de forma individual ou em dupla. Guilherme e Valentina deveriam dar cinco voltas, mas enquanto Valentina corria, Guilherme se afastou e não terminou sua segunda volta. Desceu para beber água e depois veio conversar comigo sobre um novo jogo que estava jogando. Quando Valentina terminou suas cinco voltas, Guilherme perguntou sobre o próximo treino e Pablo visivelmente irritado falou: “Você quer treinar? Vai treinar! Não quer treinar? Vai pra casa! Fica com sua mamãezinha... Eu sei que o que é meu eu vou fazer e pronto!”

É interesse notar que o técnico e os atletas apesar de considerarem o esporte como meio mais eficiente para se conquistar objetivos e sonhos, criticam a falta de interesse e determinação dos jovens, mas não a busca de outras oportunidades em si. Em uma conversa com Tiago, atleta com paralisia cerebral, isso ficou ainda mais claro:

A molecada hoje em dia tá pegando favo de mel, no meu tempo não tinha isso [aponta para a pista de atletismo], não tinha fisioterapia e a nutricionista era minha mãe... Eu vejo essa molecada com essa moleza toda desperdiçando essa oportunidade. Se eu pudesse voltar 20 anos...

Essa fala é de uma pessoa que conheceu o esporte adaptado na década de 90 graças a Associação, na época em que ele não possuía um terço dos investimentos que possui

atualmente⁴⁴. Tiago, assim como muitos outros atletas do esporte paralímpico, chegou a treinar em duas modalidades diferentes antes de se dedicar exclusivamente a uma delas, no caso o atletismo. Entretanto, também é possível ver como pessoas que estão começando no esporte paralímpico de certa forma também acabam utilizando um discurso parecido com o de Tiago. Leonardo, atleta com um braço amputado, volta e meia falava para os jovens na pista: “Bora correr, molecada. Vocês estão no QG do atletismo de Niterói e do Brasil, não pode ficar parado não!”.

Ao longo do trabalho de campo o ambiente de treino passou a contar também com a presença de outras pessoas que não necessariamente treinavam ou trabalhavam na Associação, que poderiam possuir ou não algum vínculo com os atletas, jovens e/ou técnico. Foi o caso de um menino sem deficiência que estava conhecendo a ANDEF junto com sua família. O fato de ver pessoas com deficiência correndo e se exercitando chamou atenção de todos os familiares, inclusive do menino. A surpresa foi ainda maior quando souberam que a maioria daquelas pessoas era atleta e medalhista, começando uma conversa com Miguel sobre conquista e superação. Esse caso, assim como os outros dois que irei apontar a seguir, serve para demonstrar como a identidade dos atletas e jovens é reforçada em diferentes ambientes.

Certo dia Valentina levou uma amiga do colégio para acompanhar seus treinos na Associação e essa situação acabou se repetindo mais algumas vezes. Quando perguntei para essa amiga por que ela acompanhava os treinos, levando em consideração que começam cedo, ela me respondeu que Valentina sempre comentava da ANDEF e que acabou resolvendo conhecer porque sua mãe insistiu, falando: “Coitada dela... Vai no treino, filha”. Em outra situação, durante o final de um dia de treino, estava conversando com Rodrigo, jovem com paralisia cerebral, sobre uma série de assuntos:

Já era meio dia e o treino estava terminando. Otávio [atleta com paralisia cerebral], como de costume, trouxe suco para quem ainda estava lá, cinco pessoas contando comigo. Fiquei conversando com Rodrigo, que comentou como sua mãe e namorada gostavam de vê-lo praticando esporte e ganhando medalhas nos Escolares. Quando perguntei se a família da

⁴⁴ O atual cenário de instabilidade econômica e política aliado ao fim do ciclo dos chamados megaeventos coloca a continuidade desses investimentos em risco. Quando faltava um ano para a realização dos Jogos Rio 2016 alguns atletas da ANDEF já comentavam sobre a possível diminuição de patrocínio por parte de empresas público-privadas. Para ter uma ideia do investimento que o esporte paralímpico nacional recebeu do Governo Federal no início do século XXI, ver página 56.

namorada gostava dele, me respondeu: “O pai dela não gosta de mim porque sou deficiente. Ele acha errado a filha dele namorar uma pessoa assim, tá ligado? A mãe dela é mais de boa”.

Como falei anteriormente, esses casos evidenciam como as identidades de atletas e jovens são contextuais e constantemente negociadas em diversas situações, sejam elas em ambientes públicos ou privados.

Quando um jovem começa a frequentar os treinos regularmente e demonstra ganhos, a cobrança em cima dele aumenta ainda mais. Isso fica nítido quando ouvimos atletas, como Breno, com má formação em um dos braços, falar com os jovens: “Levanta. Bora treinar que vocês agora estão em outro nível”. Além do treino principal, os jovens são estimulados a treinar outras modalidades. No caso dos meninos, por exemplo, Gustavo treina eventualmente salto em distância e salto em altura, suas provas secundárias. Durante um desses treinos, houve um diálogo muito interessante:

Estava junto com Gustavo e Pablo [atleta] na caixa de areia. Fiquei responsável por olhar se eles queimavam a marca [pisavam além da área permitida no momento do salto] e planar a areia com um rodo depois de cada salto. Entre um salto e outro, Gustavo e Pablo tiveram a seguinte conversa:

Gustavo: Ô Pablo, qual o tempo de vida de um atleta?

Pablo: Ih... Isso depende, cara.

Gustavo: Depende do que?

Pablo: Da idade e vontade de cada um... Eu, por exemplo, já era pra ter parado, mas continuo treinando todo dia.

Essa conversa é significativa quando comparada com um diálogo que esse mesmo jovem teve tempos depois com Leonardo, que como disse anteriormente, estava começando no esporte paralímpico:

O treino já estava na metade e todo mundo estava visivelmente cansado. O Sol estava muito quente, durante uma pausa nos treinos, Breno, Leonardo e Gustavo sentaram nos colchonetes e começaram a conversar:

Leonardo: Caraca, cara... Meu pé tá doendo muito. Isso é normal?

Gustavo: Se tá doendo é porque tá fazendo certo!

Breno: É isso aí, Gustavo!

Como podemos ver a dor para Gustavo e os atletas é positivada. Se você treina e não sente dor, está fazendo alguma coisa errada. Junto com essa perspectiva, temos também o uso do chamado “veneno” por parte dos atletas,, que utilizam e trocam informações sobre remédios, vitaminas e outras substâncias que fazem com que rendam um pouco melhor nos

treinos. Sempre tomando cuidado para não fazerem uso de uma substância que possa ser considerada como *dopping*⁴⁵.

A ANDEF possui convênios para empregar pessoas com deficiência em empresas de Niterói e do Estado do Rio de Janeiro. Em alguns casos as empresas que contratam os atletas flexibilizam os horários de trabalho, em outros, cedem o horário para que os atletas possam se dedicar exclusivamente no esporte. Assim como Pablo, o jovem Rodrigo conseguiu uma vaga na Ampla⁴⁶, ganhando mais de um salário mínimo por mês, além de outros benefícios. Com um total de dois dias de trabalho, Rodrigo conta três dias livres para treinar.

O problema que esse tipo de situação gera está ligado ao fato de que os jovens ainda estão frequentando o colégio e aparentemente não é fácil administrar estudos, treinos e trabalho juntos. Como os treinos só ocorrem na parte da manhã, os jovens precisam estudar de tarde. Quando a época das provas do colégio se aproxima, a presença dos jovens na pista de atletismo sofre uma queda considerável. Essa ausência nos treinos que pode se estender por dias ou semanas seguidas, faz com que os atletas e principalmente o técnico fiquem preocupados em perder todo o trabalho desenvolvido com as meninas e os meninos ao longo do ano. Infelizmente não é só no período de provas que os jovens abandonam ou deixam de ir aos treinos. Não é raro ver, por exemplo, meninos com lesões ou machucados decorrente de uma partida de futebol jogada com os amigos na rua ou no colégio. Isso faz com que eles apareçam na ANDEF e expliquem sua situação para o técnico, que invariavelmente fica nervoso e fala que eles estão “quebrados”. Quando um jovem está “quebrado” ele possui as seguintes alternativas: não ir para a Associação, ir para a Associação e tentar treinar ou simplesmente acompanhar o treino alheio, socializando, motivando e implicando com outros jovens e atletas. A outra circunstância que faz com que um jovem deixe de treinar está ligada a falta de dinheiro de passagem para ir até a Associação, tendo em vista que muitos gastam no mínimo três passagens diárias para sair de casa, treinar e estudar. Esse fato reforça a importância das bolsas conquistadas seja por um convênio entre a ANDEF e uma empresa

⁴⁵ Uso de qualquer substância ou método proibido capaz de promover alterações físicas e/ou psíquicas que melhorem artificialmente o desempenho esportivo do atleta. Há uma série de substâncias proibidas, que são agrupadas em estimulantes, analgésicos narcóticos, agentes anabólicos, diuréticos, betabloqueadores, hormônios peptídeos e análogos.

⁴⁶ Ampla Energia e Serviços S/A é uma concessionária que administra a distribuição de energia elétrica que atua no Estado do Rio de Janeiro. Sua sede está localizada na cidade de Niterói. Atualmente se chama Enel, nome da multinacional italiana que detém a maioria de suas ações.

ou por uma competição, como as Paralimpíadas Escolares. Por fim, o jovem pode simplesmente não ter interesse em continuar treinando por algum motivo subjetivo.

Com a proximidade das Paralimpíadas Escolares é comum ver um crescimento no número de jovens na pista de atletismo. Nessa situação específica, vários interlocutores me falaram ser consideravelmente fácil conseguir um atestado no colégio para justificar as faltas durante uma competição como os Escolares. Aparentemente os diretores e professores acabam percebendo a importância dessa competição ao saber da bolsa, medalhas e a viagem que a mesma acaba proporcionando.

Uma das responsabilidades de Douglas Amador enquanto gestor de esportes da ANDEF é justamente acompanhar o desempenho escolar desses jovens. Durante uma sessão de treino ele comunicou a Miguel que um dos jovens estava cheio de notas vermelhas no colégio:

Douglas Amador: Fui no colégio daquele menino.

Miguel: Qual menino?

Douglas Amador: Gustavinho...

Miguel: E aí, cara?

Douglas Amador: Tá em recuperação, cheio de nota vermelha...

Miguel: Sério, cara? Se ele não gosta de estudar, tem que ficar no esporte, tá entendendo? O esporte salva as pessoas... Ainda mais o esporte paralímpico que não tem tanta concorrência igual o convencional!

Essa fala do técnico remete a importância do esporte na vida das pessoas, além de chamar atenção para o fato da diversidade no atletismo dito normal ser muito maior do que no atletismo paralímpico. Dessa forma, se uma pessoa conseguir realizar seus treinos de forma centrada, as chances de ela conseguir uma bolsa, patrocínio ou vaga na seleção é teoricamente maior se tiver uma deficiência.

Tentei mostrar nesse capítulo a história da ANDEF e dar um panorama sobre sua dinâmica de funcionamento. Além disso, encarei a pista de atletismo sob diferentes aspectos e não apenas como um local de treino, mostrando as tensões existentes e como elas se resolvem. Apresentei as relações desenvolvidas no treino, sem esquecer as relações dos jovens em outros ambientes para além da própria Associação. Deixei claro como a questão da identidade de atleta desses jovens não está definida por eles mesmos, mas ligada a construção de uma corporalidade específica agenciada pelos atletas e o técnico, em específico.

Capítulo 3

Classificação funcional

Nesse capítulo pretendo demonstrar o funcionamento da classificação funcional, processo fundamental do esporte paralímpico que pretende diminuir a desigualdade entre os competidores ao tentar nivelar o máximo possível a capacidade esportiva de cada atleta. Para isso, remonto um pouco da história do início do esporte adaptado e de suas primeiras classificações até chegar ao modo como são realizadas nos dias de hoje. No final do capítulo apresento o que chamo de classificação paralela, processo realizado em algumas sessões de treino da ANDEF que apesar de não possuir validade oficial, serviu muitas vezes para mostrar como os saberes dos diferentes membros da Associação são articulados entre si.

3.1 – Origens do esporte adaptado

Nas diferentes narrativas sobre o surgimento do esporte adaptado existe um consenso de ignorar as primeiras tentativas de adaptação esportiva realizadas durante o século XIX e considerar o fim da Segunda Guerra Mundial, na primeira metade do século XX, como o início da história do esporte adaptado. Essa visão acaba deixando de lado eventos importantes que ocorreram ao redor do mundo, como por exemplo, a realização dos Jogos Internacionais do Silêncio em 1924. Além disso, passa uma ideia de que antes do século XX não houve uma tentativa de desenvolver o esporte para pessoas com deficiência.

Os registros mais antigos apontam que nos Estados Unidos, durante o ano de 1838, a *Perkins School* em Boston promoveu à ginástica e a natação para crianças cegas (WINNICK, 2004). A *Ohio School for the Deaf* foi a primeira a oferecer beisebol para pessoas surdas em 1870. Enquanto a *State School in Illinois*, em 1885, introduziu o futebol americano – que passou a ser muito praticado em diversas escolas norte-americanas para surdos na virada do século XIX para o XX. No entanto, o primeiro clube esportivo para promoção da integração de pessoas com deficiência foi fundado exclusivamente por pessoas surdas em Berlim, Alemanha, no ano de 1888. O basquete, considerado por alguns como o primeiro esporte a ser adaptado e por outros como tendo seu início somente depois da Segunda Guerra Mundial, foi introduzido nos Estados Unidos em 1906 pela *Wisconsin School for the Deaf* (WINNICK, 2011). É com base nesses registros que algumas fontes defendem os surdos como o primeiro grupo de pessoas com deficiência a ter acesso ao esporte adaptado.

No Brasil alguns registros indicam a existência de aulas de ginástica para pessoas cegas, no final do século XIX, no Instituto Imperial dos Meninos Cegos – atual Instituto Benjamin Constant (IBC). Entretanto, a prática informal aparentemente estava presente antes mesmo da abolição da escravidão e aponta para uma espécie de natação e pescaria como prováveis atividades físicas praticadas por pessoas cegas no país. É possível encontrar ainda referências a negros escravizados que após perderem a visão durante as fugas para os quilombos continuaram praticando atividades como a capoeira (DACOSTA, 2005).

...

Excursão: Um médico alemão na terra da rainha

No ano de 1933 o Dr. Ludwig Guttmann era considerado um dos maiores neurologistas da Alemanha, mas com a chegada dos nazistas ao poder foi proibido de exercer sua profissão nos hospitais arianos – resultado da primeira leva de leis e regulamentações que limitavam a participação judaica na vida pública alemã. Apesar de receber convites para se exilar em diferentes países, acreditou que o regime nazista não se sustentaria por muito tempo. Dessa forma, continuou trabalhando no hospital da comunidade judaica de Breslau e se tornou diretor médico em 1937. Um ano mais tarde na chamada Noite dos cristais, quando sinagogas foram destruídas e muitos judeus foram assassinados ou enviados para campos de concentração, Dr. Guttmann conseguiu internar mais de 60 judeus no hospital em que dirigia. Foi somente com a iminência da guerra em 1939 que consegue fugir para a Inglaterra, com ajuda do *Council for Assisting Refugee Academics* (CARA) ao receber ordens do regime nazista para viajar até Portugal e tratar de um amigo do ditador António Salazar.

Dada a alta taxa de mortalidade decorrente de ferimentos na Segunda Guerra Mundial, não há dúvida de que o conflito tenha sido responsável pelo novo fôlego dado as discussões e preocupações sobre a reabilitação de civis e soldados feridos. Devido a infecções e outras complicações comuns da internação na época, era normal que um paciente com lesão medular sobrevivesse no máximo três meses – não passando de um ano. Ainda na primeira metade do conflito, em 1941, Dr. Guttmann apresentou um trabalho onde abordava a reabilitação desses pacientes ao *Medical Research Council of England* – que decide construir um centro especial para pacientes com lesões medulares. Esse projeto ganha vida dois anos mais tarde, em setembro de 1943, quando o Governo britânico cria o Hospital de Stoke Mandeville e convida

Dr. Guttmann para se tornar diretor do Centro de Tratamento de Lesionados Medulares. Só houve o aceite devido a garantia de poder utilizar todos os seus métodos com total independência desde as fases iniciais até a reintegração com a sociedade.

...

3.2 – *O surgimento da classificação médica*

Como falei anteriormente a expectativa de vida de uma pessoa ferida na Segunda Guerra Mundial era completamente incerta. Em alguns casos, quando os pacientes recebiam alta, morriam uma semana depois de deixar o hospital graças a infecções urinárias, respiratórias e/ou generalizadas. Nesse contexto Dr. Guttmann, com um currículo bastante exitoso na área da neurologia, desenvolveu uma série de novas técnicas científicas e adaptou o esporte para que as pessoas com deficiência pudessem viver o mais próximo possível da normalidade, com o mínimo de barreiras ou limitações. As pessoas com lesões medulares ou amputações de membros inferiores, que dependiam de sedação e permaneciam nos leitos hospitalares, começaram a ter possibilidade de praticar esporte. Dessa forma,

[...] sob o caráter da reabilitação e com o objetivo de diminuir o tédio da vida hospitalar, as primeiras atividades desenvolvidas no referido hospital [de Stoke Mandeville] foram arco e flecha, tênis de mesa e o polo em cadeira de rodas. Em 1945, como parte de um programa que buscava fortalecer tronco e membros superiores, iniciou-se a prática do basquetebol em cadeira de rodas, modalidade esta que rapidamente se transformou em uma das mais populares entre os paraplégicos. (Benfica, 2012:25)

Motivado pela realização dos Jogos Olímpicos de Londres em 1948, Dr. Guttmann decide organizar competições esportivas entre os veteranos de guerra do hospital. É assim que surgem os Jogos de Stoke Mandeville, que contam com a presença de catorze homens e duas mulheres. As primeiras classificações de que temos conhecimento foram desenvolvidas nesse período pelo Dr. Guttmann e a equipe de especialistas em reabilitação. O procedimento adotado para classificar essas pessoas com lesões medulares e amputados de membros inferiores se diferenciava das classificações atuais por tratá-los com um olhar exclusivamente médico. A chamada classificação médica tinha como referência a lesão medular. Mônica da Silva Araujo em sua tese de doutorado sobre a corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paralímpicos, defende que Dr. Guttmann

[...] acreditava que qualquer pessoa que utilizasse uma cadeira de rodas se assemelhava a um lesionado medular (ainda que a pessoa fosse apenas amputada e pudesse andar com ajuda de muletas, por ex.). No ano de 1956 passam a fazer parte dos jogos [de Stoke Mandeville] os amputados de membros inferiores e pessoas com poliomielite que apresentassem condições físico-motoras semelhantes aos lesionados medulares. (Araujo, 2011:63)

Esse sistema de classificação criado por Dr. Guttman e pela equipe de especialistas do Hospital de Stoke Mandeville continuou sendo utilizado dos Jogos de Stoke Mandeville de 1948 até os Jogos Paralímpicos de 1980.

3.3 – *O colapso da classificação médica*

Por mais de trinta anos a classificação médica foi a única forma de classificar atletas para as competições e Jogos Paralímpicos. Por que ela começa a ser questionada no início dos anos 80? Qual o resultado desse questionamento? Para entender esse processo, precisamos conhecer a *International Sports Organization of the Disabled* (ISOD).

A ISOD, fundada em 1964, pretendia contemplar todos os tipos de deficiência que não podiam participar dos Jogos Internacionais de Stoke Mandeville – atletas com amputações, paralisias cerebrais, paraplégicos e com problemas de visão. No início da década de 1980 ela já respondia por quase todas as deficiências no esporte adaptado de alto rendimento – somente a surdez ficava de fora porque estava representada pela *International Committee of Sports for the Deaf* (ICSD) desde o início do século XX.

Essa hegemonia da ISOD começa a mudar quando os paralisados cerebrais se organizam por meio da *International Sports and Recreation Association* (CPIRSA) e os cegos se reúnem através da *International Blind Sports Association* (IBSA). Esse desmembramento em outras duas associações marca um processo que buscava assegurar regras e princípios coerentes com cada deficiência. Além disso, também temos nesse período a união das principais organizações para pessoas com deficiência no esporte e criação da *International Co-coordinating Committee Sports for the Disabled in the World* (ICC) – que se transformaria, anos mais tarde, no *International Committee Paralympic* (IPC).

O conceito de campo, desenvolvido por Pierre Bourdieu, nos ajuda a refletir sobre essas mudanças. Quando falo em campo, estou falando de

um conjunto de forças cujas necessidades se impõem aos agentes que nesse campo se encontram envolvidos; e como uma arena de lutas, no interior da qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura de forças, contribuindo assim para a conservação ou transformação da estrutura (Bourdieu, 1996:50).

O campo que proponho chamar de paradesportivo não se diferencia de outros campos. Em outras palavras: possui disputas e constantes sucessões entre seus agentes em torno de interesses específicos. O surgimento de novas associações agrupando pessoas com algum tipo de deficiência e começando a desenvolver seus próprios campeonatos depois dos anos 80 são resultados das disputas desse campo de forças e campo de lutas. Evidente que esse é apenas um recorte temporal, não significa que antes não tenha havido disputas internas e mudanças. A própria criação da ICSD no início do século XX aponta para isso. Entretanto, esse período do início da década de 80 é marcante no debate em questão por trazer novidades para a classificação no esporte paralímpico.

O fato de a classificação médica ser um sistema centrado em uma visão clínica, que buscava embasamentos exclusivamente nas características patológicas do indivíduo, fez com que ela não fosse capaz de compreender as especificidades técnicas da área desportiva e revelou sua incapacidade em dar conta das diferenças e múltiplas potencialidades corporais dos atletas. Foi justamente no campo de lutas entre a condição da deficiência, defendida pela perspectiva médica, e o desempenho técnico adaptado, amparada pela perspectiva desportiva, que surgiu a classificação funcional – dita funcional porque os atletas passaram a ser avaliados em relação à sua funcionalidade em situação de prova. Através desse novo sistema há todo um distanciamento da categorização centrada na patologização e novos diálogos são tratados com saberes de outras áreas e especialidades. O conhecimento médico continua presente, mas,

(...) pesquisas baseadas em educação física adaptada e treinamento desportivo passaram a formar a base de sustentação do novo método de avaliação dos atletas, incluindo um olhar mais elaborado sobre o rendimento técnico. O foco da “classificação funcional” agora não estava mais focado nas limitações motoras, mas no chamado “potencial residual” do atleta com deficiência. (Araujo, 2011: 65)

Como é apontado por Araujo, existe a conjunção dos conceitos de potência e deficiência que a princípio, no senso comum, seriam completamente discordantes. Acredito ser interessante chamar atenção para o fato dos sistemas de classificação não serem algo

exclusivo dos esportes adaptados e paralímpicos, mas também dos esportes ditos “convencionais”. Nesse caso, possuem a mesma ideia de estabelecer um ponto de partida justo para as competições, como faixas de peso, principalmente em provas de lutas e levantamento de peso.

3.4 – *Classificação funcional*

Como falei na apresentação e no início desse capítulo, a classificação funcional é um processo realizado por todos os atletas – independente de seu nível de experiência. O atleta que ainda não passou por uma classificação, se pretende continuar no esporte adaptado de alto rendimento, certamente passará por pelo menos duas classificações. Falo isso porque a classe funcional concedida ao atleta, em alguns casos, não é algo permanente. No caso dos atletas brasileiros, por exemplo, suas classes só são consideradas permanentes quando participam de sua primeira competição internacional e passam por uma classificação realizada pelo *International Paralympic Committee* (IPC). Para além desse caso, em uma possível “reclassificação funcional” o atleta pode mudar de classe e caso compita em mais de uma modalidade, pode inclusive possuir várias classes. No caso específico da natação, Araujo (2011) aponta que os diferentes estilos – nado livre, costas, borboleta, peito e *medley* – são enquadrados em diferentes classes por exigirem atuação de grupos musculares distintos. Dessa forma, “um nadador pode ser classificado como S7, ao mesmo tempo em que é um SB6 para o nado peito e SM6 para o medley” (ARAUJO, 2011, p. 66).

Cada modalidade do esporte paralímpico possui critérios específicos de classificação funcional, mas também há princípios que se estendem a todas as outras modalidades. Antes de começar a explicar como se realiza uma classificação funcional é importante mostrar como os atletas são divididos no esporte paralímpico. Os atletas podem ser enquadrados em seis tipos de deficiência, a saber, amputação, deficiência intelectual, deficiência visual, lesão medular, paralisia cerebral e *le autres*⁴⁷ – categoria onde está quem não se enquadra em nenhuma das outras cinco divisões⁴⁸.

⁴⁷ Em tradução livre do francês: “Os outros”.

⁴⁸ Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2012/04/classificacao-funcional>. Acessado em 01/08/16.

É no atletismo e na natação que a classificação funcional consegue abranger o maior número de competidores com as mais diferentes características – o que não significa e muito menos garante que não existam múltiplas interpretações nesses casos.

A classificação funcional, no caso do atletismo, pode ser realizada em diferentes espaços. Durante as Paralimpíadas Escolares 2014, por exemplo, a primeira etapa da classificação foi realizada em uma sala dividida ao meio devido a presença de alunos do curso de classificação funcional e de três observadores do Rio 2016. Quando era necessária a demonstração e reprodução de determinados movimentos de competição, a etapa da classificação foi realizada nos corredores, fora da sala. O Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) defende que o procedimento da classificação conte com três profissionais, sendo um professor de educação física, um fisioterapeuta e um médico. Durante a classificação das Paralimpíadas Escolares houve a presença de dois profissionais da área médica e dois da educação física que ficaram responsabilizados por supervisionar cada equipe de alunos do curso. Todo o procedimento foi realizado em um período de dois dias e serviu para classificar os jovens somente para as competições de atletismo.

A primeira etapa da classificação foi composta pela assinatura de um formulário de consentimento para a realização da mesma pelo atleta e seu acompanhante – o Comitê estimula que seja sempre o técnico, mas durante as Paralimpíadas Escolares foi normal ver outro membro da delegação ou até mesmo algum familiar. Após essa assinatura foi realizada uma anamnese⁴⁹ onde se procurou, entre outras coisas, verificar a origem da deficiência do jovem e como a mesma afetava a função de determinado movimento. Todos os dados foram catalogados em fichas padrão do IPC e arquivadas no banco de dados do CPB. A segunda etapa, chamada de avaliação funcional, contou com testes de força muscular, amplitude de movimento articular, mensuração de membros e coordenação motora – buscando sempre evidenciar os resíduos musculares utilizados para o desempenho da prova. A terceira etapa, denominada de avaliação técnica, consistiu na demonstração da prova que seria realizada pelo jovem, observando-se os grupos musculares utilizados na realização do movimento,

⁴⁹ É um tipo de entrevista feita pelo profissional de saúde que visa avaliar e diagnosticar o histórico do paciente, no caso o atleta.

técnica, prótese⁵⁰ e órtese⁵¹ utilizadas. A partir dessas três etapas havia duas possibilidades. A primeira delas era o jovem em questão ser classificado como inelegível – situação onde os classificadores buscaram sempre orientar para que ele procurasse outro esporte, levando-se em conta que a inelegibilidade no atletismo, por exemplo, não garante automaticamente a inelegibilidade na natação. A outra possibilidade era o jovem receber uma classe funcional formada por dois dígitos: sendo o primeiro indicativo da natureza de seu comprometimento e o segundo o quão capacitado ele é – quanto menor esse número, maior sua limitação. Na frente desses números, há sempre uma letra que indica a modalidade esportiva: F (Field) nas provas de campo, T (Track) nas provas de pista e S (Swim) nas provas de natação. Conforme pode ser constatado nas três tabelas a seguir⁵²:

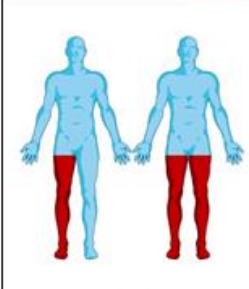
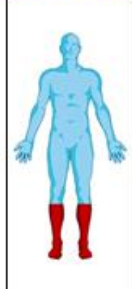
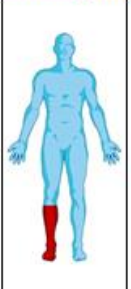

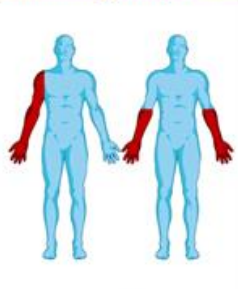
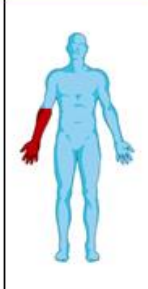
| Tabela 1 – Classificação funcional do atletismo | |
|--|--|
| (F/T) 11 – 13 | Atletas com deficiência visual |
| (F/T) 20 | Atletas com deficiência intelectual |
| (F/T) 31 – 38 (31 – 34) | Atletas com paralisia cerebral (cadeirantes) |
| (F/T) 40 | Atletas com nanismo |
| (F/T) 42 – 47 | Atletas amputados e outros |
| (F/T) 51 – 54 | Atletas com sequelas de poliomielite, lesões medulares e amputações – competem em cadeiras fixadas ao chão |

| Tabela 2 – Classificação funcional da natação | |
|--|---------------------------------------|
| (S/SB/SM) 1 – 10 | Atletas com deficiências físicas |
| (S/SB/SM) 11 – 13 | Atletas com deficiências visuais |
| (S/SB/SM) 14 | Atletas com deficiências intelectuais |

⁵⁰ Peça artificial utilizada para repor a falta de um órgão ou parte do corpo.

⁵¹ Dispositivo externo aplicado ao corpo para alterar os aspectos funcionais e estruturais para obtenção de alguma vantagem mecânica ou ortopédica.

⁵² Todas as tabelas desse capítulo foram feitas por mim, conforme informações do site do Comitê Paralímpico Internacional. <https://www.paralympic.org/classification>. Acessado em 15/05/16.

| Tabela 3 – Classificação dos atletas com amputação | | | | | |
|--|---|---|---|--|---|
|  |  |  |  |  |  |
| T42 | T43 | T44 | T45 | T46 | T47 |
| No atletismo os atletas amputados são classificados em seis classes diferentes. Os atletas com limitações semelhantes competem entre si e contra atletas com deficiências comparáveis. | | | | | |

Houve ainda uma quarta etapa que não foi realizada com aqueles jovens considerados “ideais” – como os exemplos que podem ser vistos na última tabela. Quando não é esse caso, os jovens ainda são analisados pelos classificadores durante as provas e competições. Além disso, todo menor de idade ganha uma classe funcional em revisão – isso significa que quando ele completar 18 anos passará por uma nova classificação funcional, mas só ganhará uma classe definitiva quando participar de sua primeira prova internacional.

Durante meu campo, tanto na ANDEF como nos Escolares, foi possível ver que a figura do classificador é vista muitas vezes como aquela pessoa que está lá para atrapalhar o atleta, o jovem ou seu clube. Essa situação ficou clara, por exemplo, durante uma prova de 100m nas Paralimpíadas Escolares 2014 quando um jovem paralisado cerebral ganhou com larga vantagem. A reação de um dos técnicos da delegação do Rio de Janeiro frente a esse episódio pode ser vista na sua fala:

“É brincadeira, cara... A classificação errou feio, vou falar com a classificadora [do atletismo] pra dar uma olhada nesses T35... E olha lá, ao invés deles [classificadores] estarem vendo as provas tipo essa, estão conversando. Brincadeira... Aí depois vão ficar vendo T40 [classe de amputados]. Vai ver o que ali? Não tem o que ver!”

Fui testemunha de poucos casos onde a classe funcional agradou o jovem e seu técnico, no geral ela sempre era taxada de injusta. Essa tensão entre atletas, classificadores, jovens e técnicos tomou contornos mais nítidos nas Paralimpíadas Escolares 2014 quando o CPB distribuiu camisas com diferentes cores e dizeres para as pessoas que estavam participando do evento. Os membros do apoio usavam camisas laranja escrito “Posso ajudar?”, enquanto os árbitros usavam camisas amarela escrito “Valendo!”. A camisa dada

aos classificadores era vermelha e tinha escrito “Tô de olho!”. Segundo um grupo de classificadores com quem conversei reservadamente, essa camisa ajudava a reforçar a ideia de que eles estão ali para atrapalhar os jovens e seus técnicos – quando na verdade, segundo eles, estão ali para garantir a realização de competições mais justas. Em contrapartida, os atletas, jovens e técnicos são vistos pelos classificadores como possíveis “trapaceiros” – tendo em vista que podem sempre tentar ludibriar a classificação funcional para conseguir uma classe mais alta.

Durante minha observação nas classificações das Paralimpíadas Escolares 2014 presenciei uma técnica que tentou fraudar o processo ao pedir para o jovem da sua delegação “não dar o melhor” na etapa de demonstração da prova de 1500m. Quando um classificador tomou conhecimento desse episódio, minutos antes de dar a classe para o jovem, ficou visivelmente irritado:

“Isso não pode acontecer. Ninguém pode tentar burlar a classificação [funcional]... Isso é passível de tornar o atleta inelegível porque que não cooperaram e não respeitaram o consentimento assinado por eles mesmos.”

No final o jovem passou da classe T37 para T38 e a técnica foi informada sobre a possibilidade de inelegibilidade por causa da tentativa de burlar o processo classificatório. Essas duas falas tiradas de meu diário de campo atualizam a tensão existente entre atletas, classificadores, jovens e técnicos, seja antes, durante ou depois da realização da classificação funcional.

3.5 – Classificação paralela

Como falei anteriormente, o que chamo de classificação paralela aconteceu diversas vezes durante meu campo na ANDEF. Sempre que aparecia alguém novo durante o treino, já de longe o técnico e alguns atletas se juntavam e começavam a analisar e se perguntar: “Qual será a classe?”, “Será que é T37?”, “Parece que não tem deficiência!”, “Olha... É meio manco da perna direita...” entre outras coisas.

Com o passar do tempo, até eu mesmo comecei a analisar os jovens e adultos com deficiência que chegavam à ANDEF ou encontrava na rua. Em certo momento quando um garoto foi conhecer a Associação com seu primo, o técnico começou a fazer uma espécie de anamnese ali mesmo no meio do treino: perguntou se ele já havia praticado algum tipo de

esporte e sobre sua deficiência – no caso, uma dismetria⁵³. A dismetria em questão era quase imperceptível, garantindo que o menino tivesse uma performance muito próxima de um atleta “normal”⁵⁴. Logo o treinador pediu para o menino pular, andar e correr. Perguntou para os atletas presentes o que eles achavam. Reproduzo um trecho de meu diário de campo sobre essa situação:

Estava na ANDEF e de repente, no meio do treino, dois garotos de aparentemente 14 anos subiram a rampa e entraram na pista de atletismo. **Miguel** [o treinador] viu e parou tudo que estava fazendo. Cruzou os braços e com uma mão no queixo começou a pensar em voz alta, chamando **Pablo** [atleta] logo em seguida. Os outros [atletas e jovens] estavam correndo na pista. Atravessei o campo de grama sintética e fiquei próximo de **Miguel** que perguntou pra si mesmo qual seria a deficiência de um daqueles meninos e a classe que ele conseguiria em uma classificação [funcional]. Assim que os dois meninos chegaram e perguntaram quem era o treinador, **Miguel** se identificou e começou a perguntar o nome de cada um deles, idade e se gostavam de esporte. Em pouco tempo **Miguel** já estava fazendo uma classificação [funcional] ali mesmo no treino. O menino começou a pular e dar voltas na pista, nitidamente **Miguel** queria cansá-lo para poder determinar sua classe.

No final dessa “classificação” todos se reuniram em torno do menino e se deu o seguinte diálogo:

Miguel: E aí, Pablo? O que você acha?

Pablo: Esse aí é um T38. Se treinar direito consegue ir longe.

Miguel: É a mesma deficiência do Afonso, mas ele tem a vantagem da diferença das pernas ser menor.

Pablo: É um Afonso dois.

Miguel: Pode crer. É um Afonso melhorado!

Esse Afonso que Miguel e Pablo se referem é um atleta da ANDEF, um dos primeiros casos de *borderline* que tive conhecimento durante meu campo na Associação. *Borderline* é termo que designa um atleta que se encontra dentro de uma situação limítrofe na classificação funcional. Mateus, menino do relato anterior, era um caso de *borderline* ainda mais acentuado que o de Marcos. Além disso, vale a pena chamar atenção para o fato de que T38 é a última classe dos atletas com paralisia cerebral. Em outras palavras, é a classe para quem

⁵³ Condição onde o comprimento de uma perna é diferente da outra, podendo ocorrer por causa da cartilagem, músculo, osso ou postura.

⁵⁴ Essa categoria nativa me acompanhou durante todo o trabalho de campo. O normal nesse caso nada mais é do que qualquer pessoa sem uma deficiência física, intelectual ou visual.

tem o menor comprometimento possível e que mais se aproxima dos atletas considerados “normais”.

Curiosamente, dois meses depois desse evento na Associação, tive a oportunidade de presenciar um caso muito parecido durante a classificação das Paralimpíadas Escolares 2014. Segundo uma classificadora, nos casos de *borderline*:

“É difícil tomar uma decisão porque se você classifica [o jovem] como T35 pode ser que ele ainda cresça muito [nas competições] e como T38 ela pode tomar muita paulada. Numa situação dessas, você decide não só a vida do atleta, mas a vida dos seus adversários.”

Essa fala da classificadora evidencia o motivo pelo qual os casos de *borderline* são tratados com muito cuidado, requerendo uma série de testes e observações tanto na própria classificação funcional, demonstrações das provas e nas provas em si.

Ao longo de meu trabalho de campo na ANDEF, volta e meia o tema da classificação funcional surgia e as pessoas presentes no treino começavam a discutir. O ponto central era sempre, ironicamente, aquilo que a classificação busca alcançar: a igualdade entre os atletas classificados funcionalmente. Nesse sentido, os classificadores eram sempre taxados como pessoas que existem para dificultar a vida do atleta. É interessante ver como essa série de discussões que apareciam nos treinos e a possibilidade de observação da classificação nas Paralimpíadas Escolares me chamaram atenção para uma análise crítica desse processo que teria como objetivo garantir um ponto de partida justo ao assegurar que os atletas vençam graças à sua técnica, habilidade, força, talento e não por um suposto favorecimento físico sobre a deficiência do seu rival⁵⁵.

Nesse capítulo busquei remontar um pouco da história do esporte paralímpico e o desenvolvimento de suas classificações. A partir disso demonstrei o funcionamento da classificação funcional na teoria e na prática, chamando atenção para as inúmeras tensões existentes nesse processo. Por fim expliquei um processo que aconteceu na pista de atletismo da ANDEF e que chamo de classificação paralela, desenvolvido com muito menos tensões e explicitando os saberes que cada membro da Associação possui acerca da classificação funcional.

⁵⁵ Disponível em <http://www.brasil.gov.br/esporte/2012/04/classificacao-funcional>. Acessado em: 15/05/16.

Capítulo 4

Paralimpíadas Escolares

Nesse capítulo conto como se deu a criação das Paralimpíadas Escolares, seus primeiros resultados e desenvolvimento até chegar a apresentação dos dados construídos ao longo do meu campo nas edições realizadas em 2014 e 2015. Antes, no entanto, é importante apresentar o contexto do esporte paralímpico nacional que proporcionou tudo isso.

4.1 – O esporte paralímpico no início do século XXI

A chegada do século XXI trouxe consigo uma série de mudanças de paradigmas em relação ao esporte paralímpico a nível nacional e internacional. É difícil pensar em algum recorde que não tenha sido quebrado, tanto dentro como fora das competições.

Quando falamos do Brasil a realização dos Jogos Paralímpicos de Atenas 2004 é marcada como a primeira edição disputada depois que a Lei Agnelo/Piva⁵⁶ entrou em vigor. Não há dúvidas de que isso refletiu em melhores estruturas e condições de treino para os atletas brasileiros competirem durante esse ciclo paralímpico. O resultado foi o envio de sua maior delegação, a conquista do maior número de medalhas e a melhor posição de sua história nos Jogos Paralímpicos⁵⁷.

Em uma entrevista dada para o Globo Esporte⁵⁸ durante a realização das Paralimpíadas Escolares 2015, o nadador potiguar Clodoaldo Silva lembrou, entre outras coisas, como era o cenário para o atleta com deficiência no Brasil antes dos Jogos Paralímpicos de Atenas 2004:

⁵⁶ Lei sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso em 2001 que estabeleceu que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país seja repassada ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Em 2015 a presidente Dilma Rousseff sancionou a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência que aumentou esse valor de 2% para 2,7%. Além disso, o CPB passou a receber 37,04% desse total, ao contrário dos 15% anteriores. Andrew Parsons, presidente do CPB, se manifestou sobre essa mudança: "Com a aprovação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, a gente está saindo de uma arrecadação de R\$ 39 milhões da Lei Agnelo/Piva, para cerca de R\$ 130 milhões. Isso muda a realidade e nos dá uma tranquilidade muito grande". Disponível em: <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/incentivo-ao-esporte/lei-agnelo-piva>. Acessado em 20/12/16.

⁵⁷ O Brasil levou ao todo 97 atletas, conquistou 33 medalhas (14 medalhas de ouro, 12 de prata e sete de bronze). Essas medalhas foram distribuídas entre competições de atletismo, futebol de 5, futebol de 7, judô e natação. No quadro geral de medalhas dos Jogos o país ficou na décima quarta colocação.

⁵⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rn/noticia/2015/11/turista-em-natal-clodoaldo-silva-sonha-com-ultimo-ouro-no-rio-2016.html>. Acessado em 02/12/16.

Eu comecei em 1996, como um processo de reabilitação, mas meus primeiros campeonatos oficiais foram em 1998. Infelizmente, eu não tive a oportunidade de participar desses campeonatos escolares para pessoas com deficiência [se referindo as Paralimpíadas Escolares]. Eu já participei de algumas competições escolares, mas no âmbito convencional. Não tive essa oportunidade porque de 1996 até 2004, quase ninguém do Brasil sabia que pessoas com deficiência praticavam esporte. Tudo mudou depois de 2004, com a realização das Paralimpíadas de Atenas, onde o Brasil saiu com 14 medalhas de ouro e eu consegui seis delas, além de uma de prata. Aquela visibilidade com o esporte paralímpico mudou para melhor, porque os investimentos começaram a aparecer [...].

Esse cenário citado por Clodoaldo Silva e a preocupação em revelar novos atletas fez com que o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) crie uma série de projetos em parceria com o Ministério do Esporte.

4.2 – A parceria entre o CPB e o Ministério do Esporte

Como pôde ser visto anteriormente na fala de Clodoaldo o esporte paralímpico no Brasil era pouco conhecido até mesmo pelas pessoas com deficiência. A maioria dos atletas paralímpicos só teve seu primeiro contato com o esporte adaptado na fase adulta, geralmente durante algum processo de reabilitação. O ano de 2006 foi marcado por uma parceria entre o Comitê e o Ministério do Esporte que teve como principal objetivo fomentar o esporte paralímpico e criar novos talentos.

O primeiro projeto que surgiu dessa parceria foi chamado de “Paralímpicos do Futuro” e buscou dar formação e capacitação para que professores de Educação Física não só estimulassem a prática do esporte adaptado em crianças e adolescentes com deficiência, mas também fossem capazes de descobrir novos atletas paralímpicos. Ou seja:

Este projeto buscava divulgar o Movimento Paralímpico em todo sistema educacional [...] Acreditando que os profissionais de Educação Física podem muito contribuir para o crescimento do Esporte Paralímpico, esta iniciativa buscou subsidiar a atuação consistente desta categoria no contexto escolar. (Benfica, 2012:26)

Todos os professores de educação física que foram contemplados pelo projeto receberam um Manual de Orientação que explicava sobre cada modalidade paralímpica. Na apresentação de um desses manuais, o então presidente do Comitê, Vital Severino, diz:

No contexto atual de escola inclusiva, na qual alunos com e sem deficiência estudam juntos, o [projeto] Paraolímpicos do Futuro vem preencher importante lacuna: apresentar à comunidade acadêmica o esporte adaptado, torná-lo ferramenta de integração e, ainda, garimpar futuros talentos. Com uma estratégia de implantação gradativa, que se estenderá até 2008, o projeto tem, para 2006, ações programadas nas cinco regiões geográficas do Brasil: Santa Catarina (Região Sul), Minas Gerais (Sudeste), Mato Grosso do Sul (Centro-Oeste), Ceará (Nordeste) e Pará (Norte). O trabalho tem cronograma de etapas diferenciadas prevendo a preparação do material didático e de divulgação e a sensibilização dos agentes envolvidos diretamente. A meta do ano é levar a informação para 3.000 escolas, média de 600 em cada uma das cinco unidades da Federação, e treinar 6.000 professores de educação física, dois em média por unidade escolar. (Veríssimo, 2006)

Ainda em 2006 foi criada a primeira competição da América Latina destinada exclusivamente para estudantes com deficiência física do ensino fundamental e médio. A realização do I Campeonato Paraolímpico Escolar Brasileiro de Atletismo e Natação ocorreu na cidade de Fortaleza, Ceará. O Comitê esperava contar com a presença de cerca de 500 estudantes, mas participaram “somente” 110 jovens de doze estados e o Distrito Federal. Ao final da competição o Ministério do Esporte, para ajudar na manutenção das sessões de treino, distribuiu um auxílio de R\$300 reais do programa Bolsa Atleta para cerca de 30 jovens, seguindo a regra dos três melhores colocados em cada prova da competição.

No ano seguinte Vital Severino afirmou que competições como o Campeonato Paraolímpico Escolar eram fundamentais para a revelação de novos atletas e chamou atenção para a importância de patrocinadores⁵⁹. A segunda edição da competição teve seu nome alterado para Campeonato Paraolímpico Escolar Brasileiro devido ao acréscimo de modalidades como o futebol de 5, futebol de 7, *goalball*⁶⁰ e tênis de mesa. Esse aumento de modalidades resultou na participação de jovens com deficiências intelectuais e visuais. No total 315 estudantes de treze estados e mais o Distrito Federal disputaram provas em seis

⁵⁹ Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2007-08-19/paraolimpico-estudantil-incorpora-novas-modalidades>. Acessado em 02/12/16.

⁶⁰ O *goalball* se diferencia de todas as outras modalidades paralímpicas justamente por não ser uma adaptação de um esporte já existente, tendo sido criado exclusivamente para pessoas com deficiência visual. A partida acontece dentro de uma quadra que possui um gol de 9m de largura com 1,30m de altura em lados opostos, onde o objetivo é conseguir fazer gol no adversário. Cada equipe conta com três jogadores titulares e três reservas.

modalidades. O Campeonato que seria sediado na cidade de Sertãozinho, São Paulo, acabou sendo transferido para a cidade satélite de Cruzeiro, Brasília⁶¹.

O projeto Paraolímpicos do Futuro, ao longo de 2007, enviou técnicos do CPB para mais de 24 cidades do país, enquanto as cidades de Santa Catarina, Minas Gerais, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, Ceará, Rio Grande do Norte e Pará receberam orientações sobre aulas de educação física para estudantes com deficiência.

O compromisso de realizar a competição todo o ano não se concretizou em 2008 devido aos Jogos Paralímpicos de Pequim. Contudo, nessa edição dos Jogos foi possível ver o resultado do Campeonato. Alan Fonteles, que participou da primeira edição da competição aos 14 anos e foi considerado a maior revelação do atletismo nacional, conquistou a medalha de prata no revezamento 4 x 100m.

4.3 – Escolares e Clube Escolar Paralímpico

O ano de 2009 foi marcado por uma série de mudanças no Campeonato Paraolímpico Escolar. Primeiro ele passou a se chamar Paraolimpíadas Escolares, depois teve a idade máxima de participação aumentada de 17 para 21 anos, além da inclusão da bocha e do judô no quadro de modalidades. Cerca de 540 estudantes de 19 estados e o Distrito Federal participaram da competição. Nessa mesma época Andrew Parsons, então secretário geral do CPB, é eleito presidente do Comitê.

Como mais uma forma de revelar talentos paralímpicos o CPB anunciou, em novembro, a criação do “Clube Escolar Paralímpico Rumo a 2016”. O objetivo principal desse projeto era incentivar as categorias de base do esporte paralímpico, promovendo a prática esportiva para jovens estudantes com deficiência, e, como o nome sugere, treiná-los para os Jogos Paralímpicos Rio 2016. O diretor técnico do Comitê, Edílson Alves da Rocha, afirmou⁶² que o projeto:

é uma das bases do planejamento técnico do CPB, visando o fomento e a renovação dos atletas paralímpicos para o Rio-2016. O projeto dá oportunidade aos jovens terem acesso ao esporte paralímpico já na escola. Queremos construir uma grande geração para 2016 e para o futuro do nosso esporte.

⁶¹ Apesar dos meus esforços e buscas no site do CPB e do Ministério do Esporte não consegui descobrir o motivo para essa alteração.

⁶² Disponível em: <http://www.cpb.org.br/clube-escolar/>. Acessado em 16/11/16.

O foco do Clube Escolar Paralímpico eram estudantes com idade entre seis e 20 anos, com alguma deficiência física, intelectual ou visual. No lançamento do programa o presidente do CPB chamou atenção para a importância do investimento nesses clubes como uma forma de dar mais oportunidades para ampliar o acesso de pessoas com deficiência ao esporte.

Durante o primeiro ano de realização do Clube Escolar Paralímpico, em 2010, 687 alunos foram atendidos em 19 instituições espalhadas por oito estados. Cada instituição recebeu 60 mil reais anuais do CPB para oferecer todo o apoio necessário para o treinamento dos jovens.

As Paraolimpíadas Escolares 2010 foram realizadas pela primeira vez na região Sudeste, mais especificamente na cidade de São Paulo. É nessa época que o evento surgiu como a maior competição escolar do mundo para pessoas com deficiência, contando com a presença de 821 jovens e o acréscimo de duas modalidades: judô e voleibol sentado. Andrew Parsons chamou atenção para a importância do evento no calendário do Comitê ao afirmar que investir nos jovens é investir na renovação do esporte paralímpico⁶³.

Aparentemente a infraestrutura urbana de São Paulo, seu sistema de transporte e as instalações para as competições agradaram os organizadores do evento, tendo em vista que as próximas quatro edições também acabaram sendo sediadas na cidade.

Em 2011 as Paralimpíadas Escolares reuniram cerca de 960 jovens de 23 estados e o Distrito Federal. No ano seguinte os Jogos Paralímpicos Londres 2012 contam com velhos e novos conhecidos dos Escolares. O velocista Alan Fonteles ficou com o ouro nos 200m e desbancou o favorito Oscar Pistorius, campeão paralímpico nas duas últimas edições dos Jogos. A velocista Jhulia Karol ficou com o bronze nos 100m rasos e Leomon Moreno, que participou dos Escolares pela primeira vez em 2009 aos 16 anos, conquistou a prata no *goalball*, primeira medalha do país na modalidade. Os Escolares nesse do ano contaram com cerca de 1200 jovens de 24 estados e mais o Distrito Federal.

4.4 – A internacionalização das Paralimpíadas Escolares

⁶³ Disponível em: <http://deficientealerta.blogspot.com.br/2010/09/aberta-as-paraolimpiadas-escolares-2010.html>. Acessado em: 14/09/16.

As Paralimpíadas Escolares, que já possuíam o título de maior evento escolar para pessoas com deficiência do mundo, passou a ter caráter internacional em 2013 com a presença da delegação do Reino Unido. A participação britânica no atletismo, bocha, futebol de 7 e natação contou um total de 22 atletas e uma equipe técnica de 25 pessoas. Essa participação foi fruto de um dentre vários acordos esportivos firmados entre os governos dos dois países. O primeiro deles foi marcado pelo intercâmbio entre jovens atletas brasileiros realizado em setembro de 2013 durante a disputa dos Jogos Escolares do Reino Unido, na cidade de Sheffield. A delegação brasileira, que contou com oito representantes nas provas de atletismo e natação, conquistou duas medalhas de ouro, três de prata e duas de bronze. Vale a pena ressaltar que todos os representantes brasileiros participaram dos Jogos Escolares e das Paralimpíadas Escolares 2012.

Com o maior número de atletas de toda a história da competição, as Paralimpíadas Escolares 2013 reuniram 1264 jovens de 26 estados mais o Distrito Federal e o Reino Unido.

4.5 – Os Escolares enquanto uma experiência etnográfica

Logo em meus primeiros meses de trabalho de campo na ANDEF as Paralimpíadas Escolares apareceram como um evento singular para os jovens que treinam na pista de atletismo. Apesar de muitos desses jovens não conseguirem treinar de forma regular como os atletas adultos, na medida em que os Escolares se aproximam, a presença deles começa a ficar mais frequente.

Todo estado que decide participar dos Escolares deve seguir as regras expostas no Regulamento Geral, disponível anualmente no site e *Facebook* do CPB. Além de determinar o calendário oficial da competição, modalidades e sistema de pontuação, o regulamento também possui uma série de fichas que devem ser devidamente preenchidas para a efetiva participação da delegação⁶⁴. Outra exigência do Comitê é que cada estado faça sua própria eliminatória com vistas a selecionar os jovens que irão para a competição geral⁶⁵.

⁶⁴ Essas fichas servem para definir, por exemplo, o dirigente/chefe de delegação de cada estado, número e inscrição dos participantes, cessão de direitos e responsabilidades, autorização de hospedagem para menor de idade e um relatório final das Paralimpíadas Escolares Estaduais.

⁶⁵ No atletismo e na natação, diferente das outras modalidades, existe uma regra para a formação da equipe. Como as deficiências são divididas em três grupos (física, intelectual e visual), caso uma equipe conte com apenas um grupo de deficiência, pode ter no máximo dois alunos; dois grupos, pode ter no máximo quatro alunos, dois para cada grupo; três grupos de deficiência, pode ter uma equipe completa, com até dois alunos intelectuais, dois visuais e quatro com deficiência física.

Ao longo dos dois anos de pesquisa ficou claro que nem sempre é possível para os estados realizarem essa seletiva. Esse foi um assunto tratado durante uma das várias reuniões com os chefes de delegação que acompanhei durante as duas edições das Paralimpíadas Escolares:

Enquanto Bernardo [um dos diretores técnicos do CPB] chamou atenção para a importância das seletivas acontecerem e contarem com a presença obrigatória de classificadores do próprio Comitê, Renato [chefe de uma das delegações] argumentou que isso só seria possível se a divulgação dos dados dos Escolares fosse mais dinâmica e prévia, para conseguir fazer um planejamento adequado e captação de recursos. Os chefes de outras delegações concordaram com Renato e Bernardo comentou que realmente [o Comitê] precisa melhorar em muitos aspectos, mas que a organização começa a ser feita em março, conta com cerca de 140 pessoas, sendo que 25 delas participam de reuniões mensais até novembro.

A questão levantada por Renato pode explicar o que levou o estado do Rio de Janeiro a não realizar sua eliminatória na edição de 2014, deixando a cargo das associações e clubes mandarem os seus melhores jovens para formar a delegação. Esse não foi o primeiro caso de um estado que deixou de realizar sua seletiva dos Escolares e com certeza não será o último. Os motivos apresentados são muitos, mas os resultados geralmente são alguns jovens que não rendem, porque não estão disputando suas melhores provas, ou que simplesmente não competem, tendo em vista que acabam se tornando inelegíveis para as modalidades nas quais foram inscritos. No ano seguinte, no entanto, o estado do Rio conseguiu fazer uma seletiva às pressas no Instituto Benjamin Constant (IBC), que contou com provas de atletismo, lançamento de peso, natação e salto em distância.

O primeiro dia das Paralimpíadas Escolares é sempre marcado por uma enorme quantidade de pessoas chegando aos hotéis oficiais da competição, nas palavras de Bernardo, todos “cinco estrelas visando o conforto e lazer dos alunos-atletas”. Em 2014 o hotel escolhido na cidade de São Paulo foi o Holiday Inn Parque Anhembi, que hospedou 596 jovens e as equipes técnicas das 26 delegações participantes. Apesar do título de maior evento para jovens com deficiência do mundo, essa edição contou um dos menores números de participantes de sua história. Essa queda de participantes pode ser explicada pela diminuição da idade máxima de 20 para 17 anos e a exclusão de três modalidades coletivas⁶⁶. Entretanto,

⁶⁶ Futebol de 5, futebol de 7 e vôlei sentado.

muitas pessoas apresentaram suas versões para justificar essa queda no número de participantes, seja pela crise hídrica que o estado de São Paulo estava enfrentando ou pelas eleições para Governador e Presidência da República. Mesmo com todas essas especulações o próprio Comitê ignorou e não se manifestou publicamente sobre o assunto. No ano seguinte os 708 jovens e as equipes técnicas das 26 delegações foram divididos entre cinco suntuosos hotéis da via costeira de Natal, Rio Grande do Norte.

Com a chegada aos hotéis é feito o credenciamento de todos os membros da delegação, composta pelo chefe de delegação, assistente, médico ou fisioterapeuta, jornalista, *staffs*, atletas-guias, técnicos e alunos. Após o credenciamento algumas delegações precisam levar seus atletas para a realização da classificação funcional, que se prolonga até o dia seguinte, tendo em vista que nem todas as delegações conseguem chegar no primeiro dia e o número de jovens a serem classificados é muito grande. Todas as modalidades possuem seus próprios classificadores e a lista dos jovens a serem classificados⁶⁷. Como não são todos os jovens que precisam passar pela classificação, levando em consideração que já possuem uma classe estabelecida anteriormente, esses dois dias iniciais acabam servindo também como uma forma de aclimação, conhecer a cidade sede da competição e aproveitar a infraestrutura preparada pelo Comitê. Geralmente algumas competições específicas, como bocha e judô, acontecem em um Centro de Convenções localizado perto do hotel, que, além disso, conta com uma área chamada de “Espaço Convivência”, com sinuca, tênis de mesa, tótó⁶⁸, jogos eletrônicos e uma cabine de fotos. Especialmente em 2014, graças a um acordo da Coca-Cola com o CPB, houve um estande da marca no Centro de Convenções que contava com bebidas, espaço sensorial para um passeio pelo refrigerante onde os cinco sentidos eram explorados e a réplica de uma Tocha dos Jogos Olímpicos de Londres 2012 para tirar foto.

Esse patrocínio da Coca-Cola acabou gerando algumas tensões durante uma das reuniões com os chefes de delegação, como pode ser vista nesse trecho de meu diário de campo:

Bernardo falou sobre o patrocínio da Coca-Cola nessa edição dos Escolares e passou a palavra para a nutricionista do Comitê. Ela comentou que teria distribuição gratuita de bebidas da marca, incluindo o isotônico *Powerade*,

⁶⁷ Para entender como é o ambiente de classificação e como os jovens são classificados, ver página 50.

⁶⁸ É um jogo que consiste em uma caixa onde dois times de futebol são suspensos em barras que os jogadores, cada um de um lado, devem movimentar de maneira a fazer gol. Em outras regiões do país é conhecido como matraquilhos ou pebolim.

cujo uso deveria ser supervisionado devido a sua alta concentração de sais minerais, que poderia acabar fazendo com que os jovens vomitassem se bebessem muitos. Foi o bastante para que vários chefes de delegação se colocassem contra a distribuição das bebidas e o patrocínio da Coca-Cola, tendo um deles comentado: “Esse termo [da Coca-Cola] coloca o peso de qualquer coisa que venha a acontecer com as crianças pra cima do chefe da delegação, que já tem responsabilidades suficientes”. Bernardo respondeu que também tinha sérias restrições com a Coca-Cola, como pessoa e técnico, mas como gestor não poderia abrir mão de patrocínios. Continuou: “Estabelecemos um marco de 10 anos, a Coca-Cola antes nos deu dinheiro e não deixou usar o nome ou a marca, mas hoje está aqui nos Escolares. Isso é muito importante! Se a gente começar errado vai dar tudo errado... Vocês precisam orientar, eles não estão aqui como atletas? A nossa participação [do Comitê] é pequena, cerca de 20%, mas o resto é das delegações e técnicos, apesar de vocês nunca serem lembrados, são vocês que fazem os atletas desde a base!”

Essa discussão é interessante por dar um panorama de diversos aspectos dos Escolares. O primeiro deles é em relação ao patrocínio, que como mostrei anteriormente quando falei sobre a parceria entre o Comitê e o Ministério do Esporte, já era uma preocupação e uma questão importante em 2007. O evento só conseguiu o primeiro patrocínio oficial de uma empresa sete anos depois. Com esse cenário em mente, era razoável que o CPB simplesmente abrisse mão da Coca-Cola? O segundo aspecto está ligado a identidade desses jovens, que ora são chamados de “crianças”, ora “atletas”. Assim como ocorre na ANDEF, nos Escolares esses jovens não possuem uma identidade fixa, mas contextual. O fato de estarem em uma competição os torna atletas, mas o fato de serem menores de idade os transforma em “alunos-atletas”, “jovens-atletas” e outras combinações. Essa classificação acaba se alterando a partir dos discursos de cada sujeito e situação, assim, podemos ver o chefe de uma das delegações chamando-os de “crianças”, enquanto Bernardo em um momento os coloca “alunos-atletas” e no outro, durante uma palestra para alunos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), fala: “Aqui ele [o jovem] não é deficiente... É um atleta!”.

Essa questão acabou aparecendo em outros ambientes, como os congressos técnicos, que são sempre realizados no segundo dia da competição e servem para dar avisos e discutir outras informações:

O congresso [técnico do atletismo], estava marcado para às 15 horas, mas só começou às 16 horas. O número de técnicos por delegação variou bastante, enquanto algumas contavam com apenas um, outras tinham três

técnicos. O congresso consistiu basicamente na leitura das normas da competição, respostas para as dúvidas dos técnicos e delegações. Além disso, os congressistas do Comitê chamaram atenção para que os técnicos vigiassem seus atletas, recomendando que eles dormissem cedo, não comessem muito de manhã antes da competição ou se atrasassem para suas provas.

Essa preocupação do Comitê acabou se mostrando fundada depois de alguns problemas. Na edição de 2014, por exemplo, o hotel precisou bloquear o livre acesso ao elevador depois que, nas palavras de Bernardo, “algumas crianças entraram no elevador e apertaram todos os botões possíveis”. A partir dessa ocasião, todos os hóspedes precisavam de seus cartões para subir ou descer, procedimento que gerou inúmeros atrasos e desencontros. Em outra situação, quando estava em uma *van* do Comitê indo para uma competição, um técnico comentou com outro as coisas mais pesadas que já havia presenciado nos Escolares: “um menor com drogas e uma menina grávida”.

O segundo dia de competição também é marcado pela cerimônia de abertura da competição⁶⁹, que normalmente ocorre entre o fim da tarde e o início da noite. A cerimônia é um ambiente de muita socialização, um dos poucos momentos em que todas as 26 delegações se encontram, cantando, pulando e vibrando. Durante a cerimônia há sempre a presença de um grupo que apresenta algumas danças típicas do Brasil, depois os jovens representantes de cada delegação sobem no palco carregando a bandeira do seu estado ou país, no caso do Reino Unido. O presidente do CPB abre oficialmente a competição, em seguida o juramento do atleta é lido e a pira paralímpica é simbolicamente acesa. Em São Paulo houve a presença de Yudi Tamashiro⁷⁰ comandando a cerimônia de abertura.

O terceiro dia dos Escolares marca o primeiro dia de competições da maioria das modalidades, mas isso não significa que todos os jovens estão devidamente preparados para as provas, como aconteceu nas Paralimpíadas Escolares 2014 e pode ser visto nessa passagem de campo:

Primeiro dia das competições do atletismo no Ginásio do Ibirapuera. Cheguei cedo e parecia que todas as delegações estavam presentes. A

⁶⁹ Ver Introdução para descrição da Abertura das Paralimpíadas Escolares 2015.

⁷⁰ Yudi Tamashiro é um apresentador de televisão, cantor e dançarino. Ficou famoso ao comandar o programa Bom Dia & Cia no SBT durante os anos de 2005 a 2012. O programa, focado no público infantil, contava com exibição de desenhos animados e sorteios de prêmios. Yudi ficou famoso por sempre falar “Playstation” repetidas vezes quando girava a roleta de prêmios. Em 2013 participou da sexta edição do *reality show* A Fazenda, sendo o nono eliminado.

delegação do Rio chegou 15 minutos depois de mim, assim que a *van* estacionou, ajudei alguns jovens a descer e carreguei algumas mochilas. Gustavo me puxou de lado e comentou que ontem, depois da [cerimônia de] abertura foi com outros meninos do Rio comemorar no quarto que Otavio estava hospedado. Pediram duas pizzas e ele acabou perdendo a hora, deixando seu treinador “bolado”. Quando encontrei Miguel [seu treinador], ele me contou toda a situação: “Bicho, você acredita que busquei Gustavo de madrugada no quarto dos outros? Quando acabou a cerimônia [de abertura] lá, ele me pediu pra não ir dormir logo porque tava cedo. Deixei ele andar pelo hotel e deitei um pouco. Quando acordei, nada de Gustavo [os dois estavam dividindo o mesmo quarto no terceiro andar]. Mandeí mensagem no *WhatsApp* pra ele às 22 horas, 23 horas, meia noite e 1 hora da manhã. Nada dele aparecer. Acredita que tive que subir de escada até o sexto andar pra buscar ele no quarto de Otavio? Como quer ser atleta assim? Ainda comeram porcaria de noite... Mandeí um *WhatsApp* [uma mensagem] para o grupo da ANDEF contando essa história!”. Então, Miguel falou para as meninas começarem a se preparar para a prova de 100m e chamou Gustavo para conversar: “Sua mãe veio falar comigo que queria tirar você da ANDEF. Eu falei pra ela não fazer isso porque você tinha um ótimo perfil pra bandido, corre e pula bem, além de ser esperto. Se você largar o esporte, vai se perder no mundo. [...] Graças a essa minha conversa ela assinou o termo [de autorização da viagem e hospedagem] pra você vir. Vocês [falando agora também com Otavio] não tem problema nenhum... Vocês só precisam comer, dormir e estudar!”

A fala de Miguel começa chamando atenção para a falta de responsabilidade de Gustavo e Otavio, mostra a ideia do esporte como meio para salvar vidas e termina afirmando que eles não possuem muitas responsabilidades além do aceitável para suas idades. Em seguida Gustavo correu os 400m e terminou em quarto lugar geral, mas como haviam juntado duas classes funcionais acabou ficando em segundo lugar na sua classe. Ele me contou que estava confiante antes da corrida, mas a conversa o deixou preocupado e ao mesmo tempo decidido a levar os treinos a sério porque quer seguir no esporte. Miguel, por sua vez, insistiu que a noite mal dormida e a falta de treino o prejudicaram, apesar de seu enorme potencial.



Figura 3: Atleta se preparando para de salto em distância (Créditos: minha autoria)

Quando faltava cinco minutos para a que Valentina corresse os 100m, Miguel deu um tapa em sua perna atrofiada e falou que ela precisava estar com sangue nos olhos e não acanhada. Apesar de ter começado a prova muito bem, Valentina diminuiu o ritmo e acabou em terceiro lugar. Outro técnico que estava acompanhando a prova falou com Miguel que ela não podia ter relaxado daquele jeito. Assim que ela saiu da pista e foi falar conosco, Miguel comentou visivelmente irritado: “Assim não dá, cara... Você não pode correr torcendo pra acabar na metade. A sorte foi que a outra menina era muito ruim, se não você perdia sua bolsa!”.

Essa bolsa ao qual o técnico se refere e que acabou aparecendo de diversas maneiras durante todo o trabalho de campo faz parte do programa Bolsa Atleta, criado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2005. Atualmente é o maior programa de incentivo direto ao atleta do mundo, sendo depositado diretamente em uma conta específica, sem a necessidade de intermediários⁷¹. Com seis categorias de bolsa⁷², seu principal objetivo é

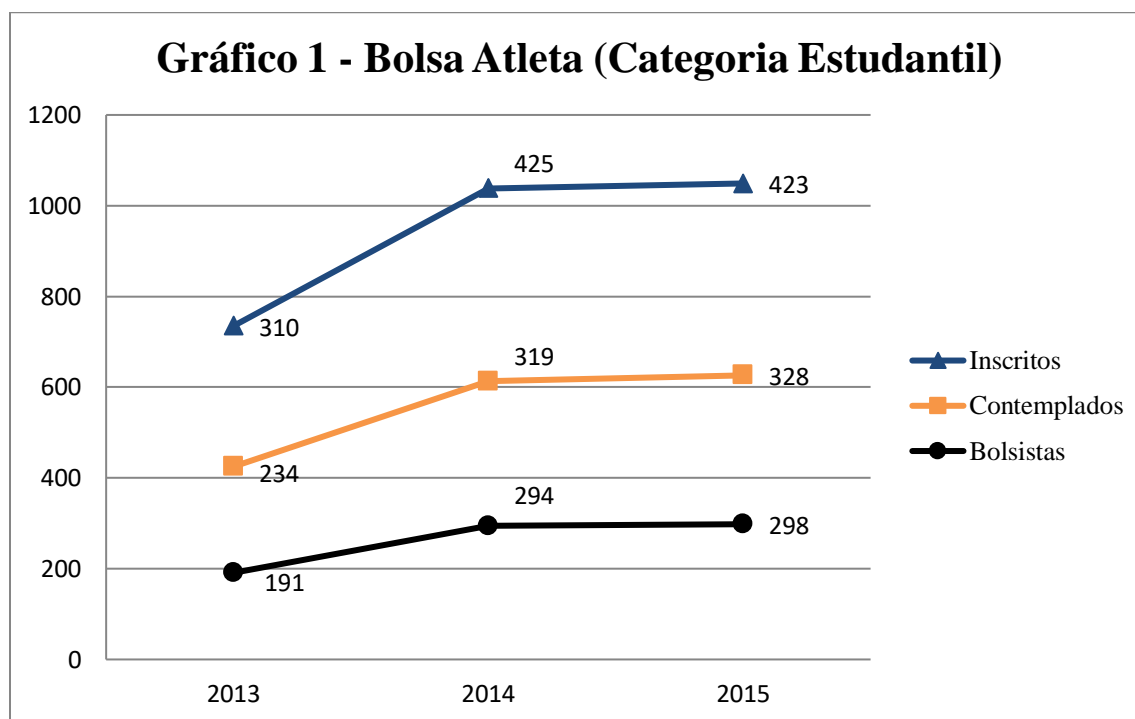
⁷¹ O fim do ciclo dos megaeventos em conjunto com o atual cenário econômico e político pelo qual o país está passando faz com que os atletas vejam a continuidade do programa com preocupação. O atual Ministro do Esporte, Leonardo Picciani, já afirmou em entrevista que o programa não vai acabar, mas pode sofrer um reajuste que ainda será definido. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/ministro-do-esporte-garante-a-continuidade-do-bolsa-atleta-no-proximo-ano/>. Acessado em: 10/01/2017.

⁷² São elas: Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional, Olímpico/Paralímpico e Atleta Pódio. Os valores são mensais, começando com R\$ 370 reais e terminando em R\$ 15 mil reais.

garantir condições mínimas para que os atletas se dediquem exclusivamente e com tranquilidade ao treinamento e competições nacionais e/ou internacionais. A categoria que nos interessa é a Estudantil, destinada “aos atletas de modalidades olímpicas e paralímpicas que integram os Jogos Escolares da Juventude e as Paralimpíadas Escolares”⁷³. Os pré-requisitos para fazer parte do programa são:

- Ter idade mínima de 14 anos e máxima de 20 anos;
- Estar regularmente matriculado em uma instituição de ensino pública ou privada;
- Ter participado de competição no ano imediatamente anterior àquele em que está pleiteando a bolsa, tendo obtido a seguinte classificação:
Esportes individuais: classificado do 1º ao 3º lugar.
Esportes coletivos: seis melhores atletas em cada modalidade coletiva.
(grifos do autor, Folheto informativo “Bolsa Atleta Estudantil”, Pré-requisitos)

Durante as Paralimpíadas Escolares 2105 o setor de prestação de contas do Programa Bolsa Atleta fez uma reunião para divulgar o programa e sanar as dúvidas dos técnicos e chefes de delegação. Nessa reunião foi apresentado o seguinte gráfico:



⁷³ Informação que consta no folheto informativo “Bolsa Atleta Estudantil” distribuído pelo depois de uma Reunião sobre o programa nas Paralimpíadas Escolares 2015.

Como podemos ver o número de inscritos é sempre o maior, seguido do de contemplados e o de bolsistas. Isso se deve ao fato de que nem todos os jovens que se inscrevem conseguem ser contemplados e nem todos os contemplados conseguem entregar os documentos necessários a tempo e/ou criar uma conta no banco em seu nome. Na reunião os técnicos do Rio Grande do Sul comentaram sobre um conflito que existe entre os clubes que os jovens treinam e as escolas onde estudam. Segundo eles, apesar da escola não participar dos treinos, ela que decide se o atleta será liberado para participar ou não dos Escolares, o que acaba fazendo com que os técnicos precisem convencê-las de que será uma boa experiência para o jovem, que ele irá representá-la, etc. Apesar de o Programa Bolsa Atleta ter sido criado para auxiliar os treinos, encontrei muitos casos onde ele acaba se transformando em única, complementar ou principal renda familiar.

Novamente podemos nos debruçar sobre a identidade desses jovens e pensar como a auto-identidade e a exo-identidade começa a convergir em uma única identidade, a de atleta. Essa questão pode ser vista quando falamos do Bolsa Atleta, mas não está restrita a ele, como fica claro nessa passagem de campo:

Estava acompanhando as provas de atletismo no [Ginásio do] Ibirapuera quando Marcio, jovem da delegação do Rio com uma amputação na perna, terminou a prova de arremesso de peso em terceiro lugar, ficando visivelmente chateado. Renato [chefe da delegação do Rio] foi falar para que ele não ficasse triste com o bronze porque conseguiu fazer sua marca e era o terceiro melhor do Brasil.

Muitos jovens não possuem essa noção de que podem ser considerados, independente do seu lugar ao pódio, os melhores atletas do país, tendo em vista que a competição reúne 26 delegações e supostamente os melhores de cada estado, além do Reino Unido.

A presença da delegação britânica já se tornou uma tradição desde sua primeira participação na competição em 2013. A partir de 2014 passaram a competir somente no atletismo e natação, com suas medalhas sendo computadas no quadro de medalhas, mas não no quadro de pontuação geral. A presença britânica não afeta em nada o pleito para obtenção do Bolsa Atleta. Os britânicos são muito ativos nas redes sociais, seja através de gravações de vídeos, fotos ou reportagens publicadas na página da *Talented Athlete Scholarship Scheme*

(TASS) no *Facebook* e do perfil *School Games GB Team* no *Twitter*⁷⁴. A TASS é um programa financiado pelo Governo Britânico que representa uma parceria entre jovens atletas talentosos, órgãos nacionais do esporte e do ensino⁷⁵. Os jovens que participam do programa contam com bolsas de 500 € a 3.500 €, tendo como obrigação a dedicação aos estudos e ao esporte, através do treinamento e participação em competições nacionais e internacionais. No caso dos Escolares a falta de domínio da língua é um enorme obstáculo para que os jovens britânicos e brasileiros se conheçam melhor, mas ainda assim conseguem se comunicar através de gestos e com o uso de celulares. Na edição de 2014 um médico da delegação britânica enumerou a língua, o calor e o trânsito de São Paulo como um dos maiores desafios da delegação⁷⁶.

A presença da Autoridade Brasileira de Controle de Dopagem (ABCD) durante as duas edições dos Escolares foi importante para a discussão do *dopping*. De maneira mais tímida em 2014 com um *quiz*⁷⁷ entre algumas delegações, mas com um estande próprio na edição seguinte, onde foram realizadas atividades educacionais e a distribuição de kits com adesivos, camisas da campanha “Sou mais eu” e um cartão de orientação sobre o controle de dopagem.

Durante as Paralimpíadas Escolares 2015 dois pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Motora Adaptada (GEPAMA) da Faculdade de Educação Física da UNICAMP em parceria com a Academia Paralímpica Brasileira (APB) tiveram a oportunidade de utilizar um *software* finlandês para fazer um mapeamento do perfil antropométrico do maior número possível de atletas, coletando dados manualmente e fazendo um monitoramento minucioso da frequência cardíaca e de outras variáveis fisiológicas de atletas da bocha. Segundo o coordenador desta pesquisa, professor José Irineu Gorla⁷⁸:

Todo esse trabalho é para melhorar o rendimento do atleta, para melhorar as condições de trabalho físico, dar suporte às equipes, para que os técnicos façam planejamento de preparação pautado na ciência, em dados concretos.

⁷⁴ Rede social criada em 2006 com o foco em troca de mensagens curtas (máximo de 140 caracteres, também chamados de *tweets*) entre seus usuários.

⁷⁵ Disponível em: <http://www.teambath.com/athlete-zone/tass/>. Acessado em 04/12/16.

⁷⁶ Disponível em: <http://blogs.bmj.com/bjbm/2014/12/24/2014-paralympic-school-games-in-brazil-beyond-expectations-for-personal-and-professional-learning-as-team-doctor/>. Acessado em 01/12/16.

⁷⁷ Nome de um jogo no qual os jogadores individualmente ou em equipe tentam responder corretamente as questões levantadas.

⁷⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rn/noticia/2015/11/tecnologia-ajuda-mapear-perfil-de-atletas-nas-paralimpiadas-escolares.html>. Acessado em: 03/03/2016.

Contudo o acesso a tecnologias de ponta não está presente para todos. É o caso, por exemplo, da cadeira de rodas para corrida que possui um valor muito alto⁷⁹. Dessa forma, nem todos os atletas podem comprá-la e exatamente por isso foi comum durante a competição ver o empréstimo dessas cadeiras quando o dono não iria competir.



Figura 4: cadeira de rodas para corrida (Créditos: minha autoria)

Foi o que acabou acontecendo com Erick, atleta da Paraíba que iria correr em uma cadeira de rodas comum e Marcio, que nunca havia usado em uma cadeira de rodas. Essa situação específica de Erick e Marcio é interessante por mostrar que nem toda pessoa que utiliza uma cadeira de rodas é necessariamente cadeirante e não possui os movimentos da perna. Marcio e Erick perderam uma das pernas quando eram crianças, por motivos distintos, mas não tiveram sequelas na outra perna. Eles andam com ajuda de muletas e só precisaram utilizar a cadeira de rodas para correr na prova de 100m.

Durante as Paralimpíadas Escolares 2015, diferente da edição anterior, tive acesso irrestrito a pista de atletismo graças a um colete de imprensa. Tive a oportunidade não só de acompanhar esses jovens, mas também entrevistá-los depois das provas. Não era o único que

⁷⁹ A faixa de preço dessas cadeiras, feitas especialmente para o atleta, pode variar de R\$ 30 mil reais até R\$ 75 mil reais.

fazia isso, um jornalista do Ministério do Esporte também entrevistou alguns atletas assim que eles terminavam suas provas. As perguntas feitas por ele foram as seguintes: É sua primeira vez nos Escolares? Já havia competido antes? Qual sua melhor prova? Como descobriu o esporte paraolímpico?



Figura 5: Atleta sendo entrevistado por jornalista (Créditos: minha autoria)

São experiências como essa que reforçam ainda mais a ideia de que a auto-identidade e a exo-identidade nesse contexto estão em contínua convergência. Durante uma conversa com um treinador do Rio sobre a competição, ele me disse: “Rapaz, antigamente você vinha com seu atleta e com cinco treininhas ele já ganhava medalha. Vai fazer isso hoje... Agora se você não treinar sério, você não leva nada!”. Ninguém nega que a cada ano os Escolares ficam com o nível mais elevado, hoje em dia é nitidamente uma competição de alto rendimento. Isso fica claro quando vemos, por exemplo, um atleta que em sua primeira e última participação quebra o recorde brasileiro de salto em distância e se torna o segundo melhor do país.

Ao longo do campo uma conversa específica me chamou atenção por colocar um elemento novo na discussão sobre identidade:

Estava no Centro de Convenções de Natal jogando tóto com Otavio e duas meninas de Pernambuco. Quando comentei da minha pesquisa sobre

identidade de jovens com deficiência no esporte, elas me contaram de um menino da delegação de Pernambuco que sempre jogou tênis de mesa com pessoas sem deficiência e não aceitava ser visto como deficiente, participava dos Escolares, mas ficava afastado de todo mundo no seu quarto. Não querendo participar nem das cerimônias de abertura ou encerramento.

Infelizmente não consegui conversar com esse menino, mas a postura de não “aceitar” sua exo-identidade me deixou curioso. Em todas minhas conversas com jovens com deficiência a experiência de “ser deficiente” era a primeira coisa a ser falada e logo em seguida como o esporte mudou essa experiência. Isso fica claro nas seguintes falas:

“Tenho 16 anos e esse é meu segundo ano consecutivo. Meu treinador me convidou para assistir os Jogos Paralímpicos [as seletivas para os Escolares] em Belo Horizonte. Foi minha primeira vez, não conhecia o esporte [paralímpico]. Fui e gostei. Hoje faço 100m, 400m e 1500m. O esporte paraolímpico me ajudou a ficar mais junto com as pessoas, a ser mais tolerante, me ensinou a perder, refletir melhor sobre as coisas... Me ensinou também que minha deficiência não é um problema, mas uma graça de Deus. Me ensinou que eu posso fazer as coisas... Que não é porque falam não pra mim que eu preciso aceitar. Eu vou lutar e vou conseguir. É isso que o esporte me ensinou!”

(Atleta de Minas Gerais com deficiência intelectual)

“Tenho 15 anos e participo [das Paralimpíadas Escolares] desde 2012. Eu comecei no esporte porque minha tia viu que eu não fazia nada da minha vida e me pegou pra treinar, começou me treinando. No início eu não gostava muito não, mas depois fui pegando o gosto pelo esporte e comecei a me dedicar mais. Hoje faço atletismo, mas já fiz vários: natação, tênis de mesa, *jiu-jitsu*⁸⁰ e... É, tênis de mesa, *jiu-jitsu* e natação. Minhas provas são os 100m rasos, lançamento de dardos e arremesso de peso. O esporte paralímpico é muito importante, mudou minha vida, né? Antes, quando era bem pequena, sentia vergonha do braço, com certeza... Mas aí a gente vem pra cá [Escolares] e vê pessoas sendo capazes de fazer as coisas... Aí você também quer ser capaz de fazer as coisas, você se dedica mais, se esforça mais. Pra mim eu sou uma pessoa normal, sou uma campeã aqui!”

(Atleta do Pará com má formação em um dos braços)

“Tenho 17 anos e sou da Paraíba. Essa é minha primeira vez aqui [nas Paralimpíadas Escolares], comecei no esporte graças a minha professora que me indicou... Me chamou... Ela me viu na educação física e me indicou para um cara da coordenação, que chama atleta e revela. Aí comecei a treinar e o professor me inscreveu pra Paralimpíadas [Escolares]. Faço arremesso de dardo, peso e corrida de 100m em cadeira de rodas. Caramba,

⁸⁰ Arte marcial japonesa que utiliza golpes de alavanca, torções e pressões para derrubar, dominar e o submeter o oponente. Disponível em: http://www.jiujitsu.net.br/historia_do_jiu_jitsu.htm. Acessado em: 28/12/16.

o esporte paralímpico tem uma importância muito grande na minha vida. Melhorou muito minha confiança e minha autoestima!”

(Atleta da Paraíba com amputação de uma perna)

“Tenho 14 anos e essa é minha primeira Paralimpíadas Escolares. Já participei de outra competição em Passo Fundo. Comecei no esporte porque minha mãe estava procurando um lugar para eu começar a fazer esporte, eu não fazia antes, aí ela conheceu a Cíntia [técnica]. Faço corrida, 100 [metros] e 400 [metros]. O esporte mudou muito minha vida, me deixou mais independente e mais forte!”

(Atleta cadeirante do Rio Grande do Sul)

“Tenho 15 anos. Comecei com meu professor Silvio que me achou na fisioterapia... Na natação também quando ele me viu nadando... Aí me chamou pra fazer o atletismo, né? Primeiro minha mãe ficou desconfiada dele, mas depois conversou com ele direitinho e aí eu vim para o esporte paralímpico. Ela ficou desconfiada porque não conhecia o esporte paralímpico, né? Era novo isso lá na cidade de Porto Velho. É agora que tá começando a divulgar e [está] ficando melhor. Essa é minha quarta vez aqui, eu faço salto em distância, dardo e 100m. A importância do esporte paralímpico na minha vida? Quando alguma criança nasce com deficiência, ela acredita que não vai ser nada na vida, que vão ser como qualquer um aí, mas só que o esporte paralímpico apareceu para descobrir atletas e deficiências que são muito boas para o nosso Brasil!”

(Atleta de Rondônia com paralisia cerebral)

É interessante ver como em todos os casos os jovens colocam o esporte como grande meio de mudança em suas vidas, meio esse que garantiu em alguns casos mais autoestima, confiança, independência e até mesmo consciência de cidadania. Outra coisa que chama atenção é que a maioria dos jovens recebeu um convite para conhecer o esporte paralímpico, processo que uma técnica de bocha chamou de “garimpagem” durante uma entrevista realizada por meu orientador, no âmbito desta pesquisa de que participo:

Muitas vezes a gente está andando e vê alguém na rua que tem o perfil para jogar bocha, porque você sabe, a bocha é o esporte para aquelas pessoas com maior grau de deficiência, e aí para o carro onde dá e vai lá conversar com a pessoa, falar do esporte, chamar para conhecer e ainda tem muita gente, muitas vezes a própria família olhava a gente de forma um pouco estranha, desconfiando. Agora, com um pouco mais de divulgação, tem sido um pouco mais fácil este trabalho, porque tem muito mais gente sabendo dos Jogos e aí já perguntam se é para participar, se vai competir em 2016. É um ganho e um problema isso. Por um lado fica mais fácil esse trabalho, por outro a gente sabe que nem todo mundo vai virar atleta de alto-rendimento, é sempre uma minoria e o que a gente quer é que o esporte

signifique algo na vida dessas pessoas, para além apenas do aspecto competitivo.

Isso mostra que apesar do aumento da visibilidade do esporte paralímpico, citada no início desse capítulo por Clodoaldo Silva, ter facilitado o trabalho de técnicos e demais pessoas envolvidas no esporte adaptado, a grande maioria dos atletas ainda surge através de programas de reabilitação ou convites para conhecer o esporte paralímpico.

Por fim, depois de cinco dias as Paralimpíadas Escolares terminam com uma cerimônia de encerramento onde as delegações participam de um jantar e aguardam com nervosismo a abertura do papel que revelará os três primeiros colocados da competição e o Troféu Confraternização, dado para a delegação que mais demonstrou espírito esportivo e animação. A rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo, maiores campeões dos Escolares é grande, mas Santa Catarina surpreendeu a todos em 2014⁸¹. Já no ano seguinte foi a vez de São Paulo levantar o troféu, seguido do Rio de Janeiro em segundo lugar. Após a premiação começa uma enorme festa que sempre conta com a presença de uma banda. Para alguns jovens essa é a melhor parte da competição, enquanto para outros é a despedida ou o começo de mais um ano de preparação até a próxima edição.

Os três gráficos a seguir, de minha autoria, feitos a partir de dados disponibilizados pelo próprio Comitê, conseguem dar a dimensão do número de jovens participantes, estados e modalidades ao longo dos dez anos de existência das Paralimpíadas Escolares, contemplando sua criação, em 2006, até a edição do ano passado, em 2016:

⁸¹ São Paulo é a maior campeã com seis títulos (2006, 2009, 2011, 2013, 2015 e 2016), seguida do Rio de Janeiro com três (2007, 2010 e 2012) e Santa Catarina com apenas um (2014).

Gráfico 2 - Número de jovens participantes por edição das Paralimpíadas Escolares

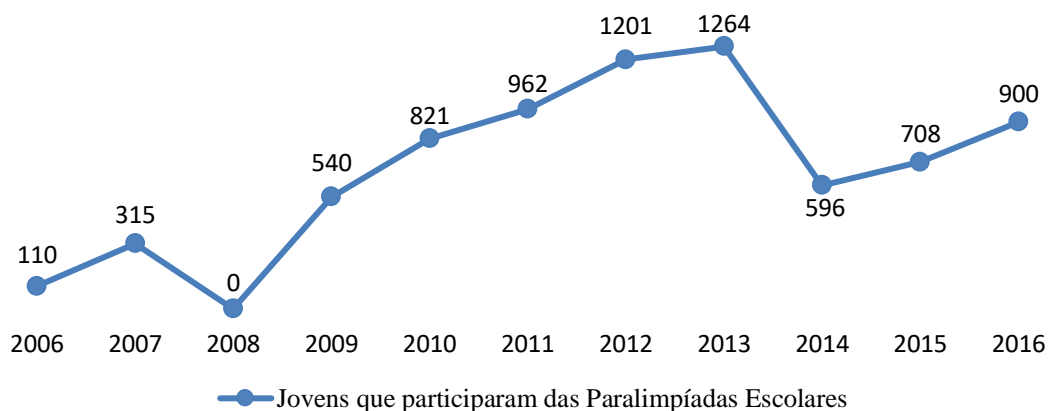


Gráfico 3 - Número de estados participantes por edição das Paralimpíadas Escolares

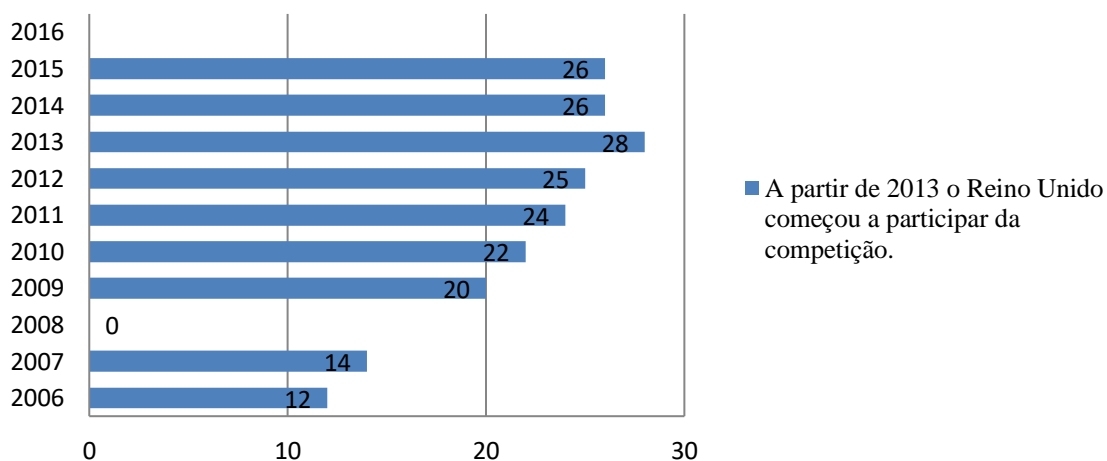
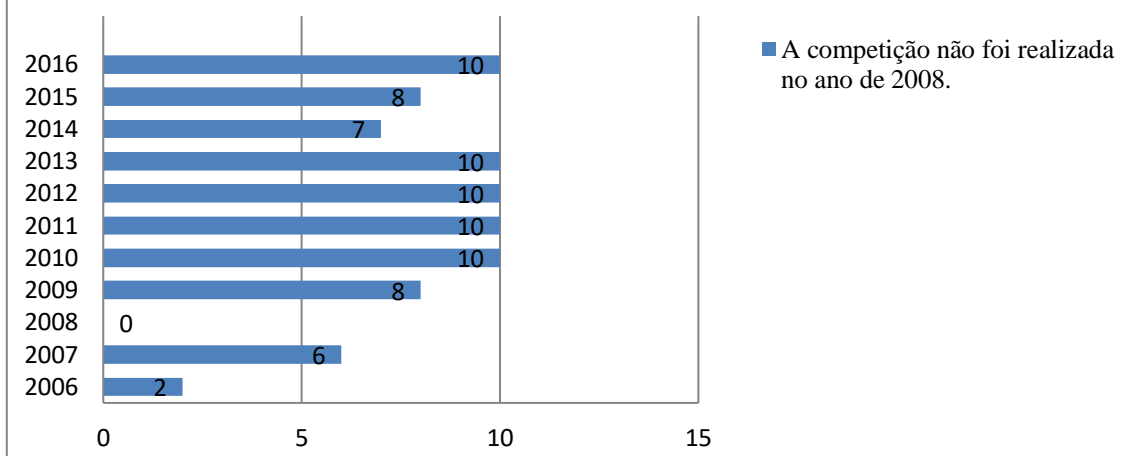


Gráfico 4 - Número de modalidades disputadas por edição das Paralimpíadas Escolares



Nesse capítulo busquei dar um breve panorama do esporte paralímpico no século XXI com foco na histórica parceria entre o CPB e o Ministério do Esporte, seus primeiros projetos e o maior deles, as Paralimpíadas Escolares. Demonstrei como a competição é realizada desde seu surgimento em 2006 até se transformar no maior evento para jovens com deficiência do mundo e ganhar *status* de competição internacional. Além disso, o Programa Bolsa Atleta e os diferentes usos do mesmo foram devidamente explicitados. A questão da auto-identidade e exo-identidade dos jovens foi problematizada em diversas situações, apontando para uma convergência entre uma identidade que pode ser definida genericamente como atleta.

Considerações finais

Ao longo da monografia busquei mostrar da maneira mais clara possível como se deu meu trabalho de campo entre jovens com deficiência na ANDEF e nas Paralimpíadas Escolares. É claro que analiticamente o esporte e a deficiência possuem um nítido destaque nesse trabalho, mas não podemos esquecer que as identidades desses jovens e de todas as pessoas são marcadas por uma infinidade de outros elementos. O foco dado à deficiência e ao esporte foi apenas um recorte dentre tantos outros possíveis deste universo.

Nesse contexto o esporte sempre apareceu como o principal e muitas vezes único meio de transformação das identidades desses jovens. Isso ficou claro em muitas situações de campo, como durante uma conversa nos Escolares quando uma pessoa afirmou que: “Enquanto a criança sem deficiência consegue sua cidadania na escola, a criança com deficiência só consegue sua cidadania através do esporte”. As falas de jovens atletas no final do quarto capítulo reforçam essa ideia.

Frente ao atual cenário de crise econômica e política pelo qual o país está passando, aliado ao fim do ciclo de megaeventos, não é possível prever como será a atuação do Ministério do Esporte e do Comitê Paralímpico Brasileiro. Entretanto, vimos como no início do século XXI a parceria entre essas duas esferas contribuiu e muito para o desenvolvimento do esporte paralímpico, indo muito além da renovação do quadro de atletas. E como a ANDEF também fez parte disso, com seu pioneirismo na luta dos direitos das pessoas com deficiência.

Se durante as reuniões de orientação a falta de uma bibliografia antropológica sobre deficiência no Brasil foi um dos meus maiores problemas, a discussão sobre classificação funcional não seria a mesma sem a leitura da tese de Mônica Araujo. Os campos da Antropologia dos esportes e da deficiência podem ser explorados sob muitas vertentes, como pela Antropologia do corpo, emoções ou do gênero. Nesse trabalho foquei exclusivamente na discussão sobre identidade desses jovens com deficiência em diferentes ambientes. Espero com isso, deixar minha contribuição para os campos do esporte e da deficiência.

Esses dois anos de pesquisa fizeram com que minha própria percepção sobre a deficiência mudasse muito. Suspendendo algumas categorias, o que é deficiência e eficiência? Quem define cada um desses termos? Eles realmente são opostos?

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Mônica da Silva. O corpo atlético da pessoa com deficiência: uma etnografia sobre corporalidade, emoção e sociabilidade entre nadadores paraolímpicos. Tese de Doutorado. PPGASMNUFRJ. Rio de Janeiro, 2011.

ARAÚJO, P. F. Desporto Adaptado no Brasil: Origem, Institucionalização e Atualidade. Tese de doutorado da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, 1997.

BENFICA, Dalilla Tâmara. Esporte paralímpico: analisando suas contribuições nas (re)significações do atleta com deficiência. Dissertação de Mestrado. PPGEF/UFV. Minas Gerais, 2012.

BOURDIEU, Pierre. Razão Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

DACOSTA, Lamartine Pereira (Organizador). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

FONSECA, Claudia. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. Teoria e Cultura, v.2, n.1 e 2, p. 39-53, 2008.

FONSECA, Ingrid Ferreira. Sociabilidade em um Clube de Malha: Perspectiva antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento. Tese de doutorado. PPGA/UFF. Rio de Janeiro, 2015.

FREMLIN, Peter. Corporalidade de chumbados: uma etnografia de pessoas com deficiências físicas no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, PPGAS/UFRJ, 2011.

GASTALDO, Édison. Erving Goffman (1922-1982) In ROCHA, Everardo; FRID, Marina (Orgs.). Os Antropólogos, de Edward Tylor a Pierre Clastres. Petrópolis: Editora Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada In https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3b%20Estigma.pdf. Data da digitalização: 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NOLTE, Mariana. Projetos Individuais e projetos familiares: continuidade e ruptura na transmissão familiar da vela. Monografia de conclusão de graduação em Ciências Sociais. Niterói. Universidade Federal Fluminense, 2014.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred. Estrutura e função na sociedade primitiva. Editora Vozes: Petrópolis, 1973.

SIMON, Jean-Pierre. Aspects de l'ethnicité bretonne. In Pluriel-débat, n°19, 1979, pp. 23-43.

VERÍSSIMO, Amaury Wagner. Atletismo paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física. Brasília: Comitê Paralímpico Brasileiro, 2006.

WINNICK, Joseph P.. Adapted physical education and sport. United States of America: Human Kinetics, 2004.

WINNICK, Joseph P.. Adapted physical education and sport. United States of America: Human Kinetics, 2011.

WHYTE, William Foote. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.